

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Caetano Nunes Manenti

**RJ Móvel e a Questão do Distanciamento  
entre Jornalismo e Público**

Porto Alegre  
2009

**Caetano Nunes Manenti**

**RJ Móvel e a Questão do Distanciamento  
entre Jornalismo e Público**

Monografia apresentada ao Departamento  
de Comunicação como requisito parcial  
para a obtenção do título de Bacharel em  
Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rosa Nívea  
Pedroso

Porto Alegre  
2009

## RESUMO

O presente trabalho observa a crise de popularidade que o jornalismo deste início de século vive em face ao seu público, especialmente com as contribuições dos teóricos Nelson Traquina, Tom Rosenstiel e Bill Kovach. Utilizando-se da metodologia da observação participante, quando o pesquisador se confunde com o objeto estudado, o autor foi conhecer de perto o quadro RJ Móvel, do programa RJ TV – Primeira Edição, da TV Globo do Rio de Janeiro. O objetivo é entender como o quadro, que aborda problemas comunitários diariamente na Região Metropolitana, pode contribuir para a amenização da referida crise.

**Palavras-chave:** Jornalismo. RJ Móvel. RJ TV. TV Globo. Público. Jornalistas. Crise de popularidade.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2 O AFASTAMENTO ENTRE O JORNALISMO E PÚBLICO</b> .....	7
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	21
3.1 APROPRIAÇÃO DO MÉTODO PELO ESTUDO .....	24
3.2 PASSOS METODOLÓGICOS .....	25
3.3 RJ MÓVEL .....	27
<b>4 CAPÍTULO DE ANÁLISE</b> .....	29
4.1 ROTINA .....	30
4.2 ESCOLHA DA PAUTA .....	35
<b>4.2.1 A Pauta</b> .....	37
4.2.1.1 Exemplo de Pauta .....	39
4.3 TEXTO DO VT EXIBIDO NO DIA 16/02 .....	39
4.4 SENTIMENTO DO PÚBLICO .....	40
<b>4.4.1 Esperança</b> .....	41
<b>4.4.2 Feitiço Televisivo</b> .....	42
<b>4.4.3 Gratidão</b> .....	44
<b>4.4.4 Descontentamento</b> .....	45
4.5 ELEMENTOS DE NARRATIVA DE REPORTAGEM .....	47
<b>4.5.1</b> .....	<b>A</b>
<b>Reportagem</b> .....	48
4.6 RELATÓRIO DE CAMPO, DIA 17 DE NOVEMBRO .....	50
4.7 TEXTO VEICULADO .....	58
<b>5 CONCLUSÃO – A rua é o espaço certo</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	67

## 1 INTRODUÇÃO

Além do empreendimento diário de encontrar boas e relevantes histórias para preencher espaços cada vez maiores na mídia, o (bom) jornalismo desta primeira década do século XXI, mais do que em qualquer outra, teve que se preocupar

também com a manutenção de sua própria reputação. Cresceu, dentro da sociedade, a opinião de que os jornalistas têm grandes poderes em suas mãos. Na mesma direção, cresceu o sentimento de, que de tão complexos e profundos são os interesses e o comprometimento dos grandes veículos de mídia com outros organismos sociais, sejam eles da esfera privada ou pública, que o jornalismo de hoje não desembocou em ser uma extensão das preocupações, críticas ou denúncias da maior parte da população, a mais desassistida; e, sim, de uma menor parcela dela com, claro, maior influência.

Diminuiu a crença de que a história apresentada em forma de notícia seja a história em si. Acirrou-se o receio, entre os consumidores de notícias, de que o que o que foi lido, visto ou ouvido tenha sido uma tentativa perversa do jornalista ou do veículo de encadear fatos a seus próprios interesses e/ou prazeres, como alguém que perdeu uma suposta linha-guia da busca de uma hipótese verificável. A desconfiança mostra um desenvolvimento do receptor, que afasta de seu personagem características ingênuas. Dessa forma, ganha o jornalismo plural, democrático e sincero. É a lógica do "quanto mais exigente for a pergunta, mais profunda será a resposta". A postura reticente do receptor deve ser comemorada por aqueles que acreditam que o jornalismo deve ser feito de fato desde um diálogo bilateral, onde a sociedade produtora de conteúdo (veículos jornalísticos e jornalistas, com registro profissional ou não) se alimenta da sociedade receptora deste conteúdo (ou todos, inclusive jornalistas) e vice-versa. Se a desconfiança traz esclarecedores benefícios para a democracia e a multilateralidade dos fatos e aumenta a exigência com a notícia vendida e comprada, ela também pode jogar o jornalismo em um limbo, onde ele, profissionalizado, não se faz mais necessário, tamanho o seu descrédito.

Parte dos principais críticos da imprensa do final do século passado e início deste mostram também essa preocupação com o futuro da reputação jornalística. Duas das vozes mais esclarecidas sobre o tema são os americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel. Tão consternados estavam com a situação do jornalismo dos Estados Unidos e, especialmente, com a sua avaliação perante ao público que, em 1998, criaram o Comitê dos Jornalistas Preocupados, grupo que reuniu acadêmicos, jornalistas e donos de jornais para colocar em pauta qual seria, se é que teria algum, o redirecionamento ideal para a profissão. Da análise deste grupo, os dois escreveram o livro "Os Elementos do Jornalismo – O que os jornalistas devem saber

e o público exigir". O trabalho é tão claro e contundente na crítica da situação do jornalismo nos dias de hoje que servirá de base para todo o corpo do presente trabalho. Eles deixam claro com todas as letras e números que a profissão sofre, sim, de um intenso processo de descrédito. O livro foi escrito em 2003, quando a internet, embora já como tema central da discussão do futuro jornalístico, ainda não era presença diária na programação de televisão, nem fora, nem dentro do Brasil. A nova relação criada pela ferramenta entre consumidores e produtores do jornalismo de televisão será mencionada, mas não terá posição central neste trabalho. Ao contrário dos esclarecimentos teóricos de Nelson Traquina, do resgate histórico de Asa Briggs e Peter Burke e ainda das conceituações de Nilson Lage, todos basais ao longo do texto.

O tema central é entender quais foram alguns dos caminhos que levaram a imprensa a perder empatia do público e, tão importante quanto, identificar e sugerir opções para essa mesma imprensa se desvencilhar deste destino. A hipótese anterior à análise do trabalho é de que falta, dentro do jornalismo, um esclarecimento cabal no ponto "a quem a profissão serve" e, sobretudo, como fazer que essa consideração transforme-se em produto jornalístico. Ainda como hipótese, soma-se a isso o entendimento de que o fazer jornalismo, em especial o diário, se tornou algo tão complexo e dinâmico que é difícil trabalhar com a convicção permanente de que há uma missão por trás da dinâmica dos fechamentos de textos e vt's. E é nesse momento, onde o papel do jornalismo e o processo tem uma forçada cisão, que o cidadão se vê afastado do "seu" jornalismo. Para ficar ainda mais claro, esse afastamento é o problema central do presente trabalho.

A procura por essas respostas se dará desde a análise do quadro RJ Móvel, do programa RJ TV Primeira Edição, da TV Globo do Rio de Janeiro, e em entrevista com seus produtores, repórteres, idealizadores e, especialmente, em entrevistas com as fontes principais das matérias apresentadas. Por ora, basta saber que o RJ Móvel é um quadro, criado em 2008, que, de segunda a sexta, percorre a cidade do Rio de Janeiro, especialmente o seu subúrbio, ou ainda algumas cidades da região da Baixada Fluminense para encontrar demandas da população desses locais. São reclamações de pessoas quaisquer, às vezes líderes comunitários, que diariamente sofrem de incômodos diretos na sua vida (sub)urbana. Surgem protestos desde a poeira na porta da casa até falta de esgoto ou ainda uma encosta que ameaça desabar sobre as escolas de seus filhos. São problemas comuns, diários, na vida da

população que mora nas regiões pobres da segunda maior região metropolitana do Brasil, algo que interfere de fato no bem estar dessas pessoas, mas que pouco encontra guarida no jornalismo local, sobretudo o de televisão.

A escolha do quadro e de seus envolvidos (seja do lado jornalístico ou do lado fonte) para uma reflexão da posição do jornalismo frente ao seu público se deu porque o autor acredita que a concepção lança uma interessante proposta que é, em horário de grande relevância (11h50min a 12h45min) e audiência (40% de *share* no estado do Rio de Janeiro), ir ao encontro do cidadão comum e de suas frustrações. A proposta é avaliar a efetividade por parte do Poder Público na solução dos problemas que o quadro exhibe, mas mais importante do que isso, avaliar o quanto a iniciativa ajuda no sentimento de parceria que a comunidade envolvida desenvolve junto ao jornalista e/ou ao jornalismo.

A formação jornalística do autor do presente trabalho o fez escolher a interpretação de campo como principal base para suas análises. Mesmo se municiando de teóricos e de metodologia consagrada, elementos de reportagem devem aparecer durante o trabalho, já que é essa a narrativa com qual o autor convive diariamente nos últimos sete anos. É a maneira mais honesta que o autor considera que pode contribuir para a distribuição de conhecimento e experiências, mesmo sabidamente em um ambiente acadêmico.

Há quase dois anos trabalhando como repórter e editor de texto no canal de esportes Sportv, no Rio de Janeiro, o autor ainda trabalhou os dois anos anteriores como repórter da Rádio Bandeirantes do Rio Grande do Sul. Foram mais oito meses como repórter da Rádio da Universidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e mais um ano como rádio-escuta do Jornal O Sul, também em Porto Alegre. O autor também criou um jornal, O Aporema, durante sua graduação e ajudou na criação de duas rádios ainda não regulamentadas.

## **2 O AFASTAMENTO ENTRE O JORNALISMO E PÚBLICO**

Anterior às constatações bibliográficas de que o fazer jornalístico e o existir do próprio profissional de notícias passam por uma crise de popularidade entre o público em geral, o embasamento deste trabalho se deu sob os próprios olhos do

autor em sete anos de carreira dentro de redações de jornal, rádio e televisão da chamada grande mídia, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Nesse tempo, tornou-se comum ouvir insultos dentro de estádios de futebol apenas por estar identificado como profissional de imprensa. De policiais civis e militares, muitas vezes se ouviu também comentários do tipo “jornalista odeia polícia”. Mas foi a consideração cotidiana, entre amigos e desconhecidos, de que os jornalistas, trabalham “mentindo”, “escondendo”, “omitindo” e, principalmente, “manipulando” que tornou forte a inquietude do autor com a reputação da sua profissão.

Felizmente, o mal-estar não é só seu. Foi principalmente na obra de Kovach e Rosenstiel (2003) que o autor encontrou guarida deste sentimento. No livro "Os Elementos do Jornalismo", os autores enumeram o que chamam de nove elementos básicos do jornalismo. Com eles, o profissional encontraria a finalidade real da profissão: fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar. Em uma outra definição ainda, inclui-se ainda a missão do entretenimento como central no fazer jornalismo, especialmente o de televisão. Entenda-se por peça jornalística de entretenimento não algo necessariamente desprovido de conteúdo profundo, mas algo com características suficientes para prender a atenção do receptor não apenas pelo conteúdo dito, mas também por estímulos que entretém. De acordo com o crítico português Traquina, “[...] para além de ser compreensível, o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar desejo, o desejo de ser lido/visto/ouvido”. (2005b, p. 46). Entre os nove elementos listados pela dupla de autores, três o autor considera fundamentais para a teoria do trabalho; são eles: a primeira lealdade do jornalismo é com os cidadãos, o jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público e o jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.

Mais do que explicar cada um desses elementos de Kovach e Rosenstiel neste trabalho, no entanto, é importante entender que a obra nasceu após uma percepção profunda dos dois de que o jornalismo estava trilhando um caminho com destino perigoso. As considerações são em relação ao contexto americano, mas podem, como veremos, ser facilmente importadas para a realidade brasileira.

Eles consideram que, nos Estados Unidos,

o público desconfia mais e mais dos jornalistas, chegando até a odiá-los. Por volta de 1999, somente 21 por cento dos americanos achavam que a imprensa estava de fato preocupada com as pessoas, contra 41 por cento

em 1985. Só 58 por cento respeitavam o papel de vigilância da imprensa, contra 67 por cento em 1985. Menos da metade, 45 por cento, acreditava que a imprensa protegia a democracia. Esse número era dez pontos percentuais mais alto em 1985" (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 19).

Traquina é outro que observou que a relação entre jornalistas e o público está acirrada. "No início do século XXI, é comum sublinhar o poder dos mídia, quando não denunciá-lo como prepotente, perverso e mesmo perigoso para o cidadão e a própria sociedade democrática" (TRAQUINA, 2001, p. 13). É bom considerar, no entanto, a hipótese de que boa parte dos brados dessa natureza reserva-se à estratégia antiga de certos personagens políticos de desqualificar organismos que tenham muito ou qualquer poder, tudo para demonizar atores importantes do complexo jogo político da sociedade, onde, sem dúvida, o poder da mídia é, no mínimo, relevante. Segundo Traquina, o objetivo dessas figuras "é visar uma "classe" de mensageiros midiáticos, os jornalistas, com o intuito de reduzir o seu espaço de autonomia" (2001, p. 13).

Após essas avaliações, é compreensível que haja um contra-argumento que defenda que o jornalismo não nasceu unido, parceiro ao grande público, uma vez que, segundo o entendimento de Briggs e Burke (2004), o período que pode ser considerado como o a gênese mais clara do que entendemos por jornalismo hoje seja o da Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica no século XVI. Um tempo que o jornalismo nem de longe era um instrumento da cidadania e de inclusão da comunidade na vida pública, como se defende hoje. Era um jornalismo definido por especialistas como publicismo, onde cada veículo – ainda com tiragens que não superavam alguns poucos milhares – apresentava a interpretação dos fatos conforme seu editor-fundador que, como é de se imaginar, fazia suas considerações com total caráter pessoal e raramente objetivas. Somado a isso, o jornalismo dos primórdios era de alcance restrito, até mesmo pelo analfabetismo e pela exclusão da participação das camadas sociais mais baixas na vida política das cidades mesmo depois do fim da Idade Média.

No entanto, seria errado considerar o alcance e mesmo a representatividade deste jornalismo incipiente com o que ele veio a ser nos próximos quatrocentos anos. A popularização dos jornais na Europa e Estados Unidos e mesmo nas colônias do hemisfério sul, como no Brasil, e seus papéis centrais em momentos políticos decisivos da história do mundo até então, assim como do rádio,

especialmente a partir da primeira metade do século XX e da televisão, na segunda metade do século XX, mostra o óbvio: que a mídia contribuiu muito com os avanços democráticos da nossa história e é parte significativa da relação do público com a sua comunidade até hoje. A extrema relevância da profissão também como um dos agentes fundamentais no acesso à educação e conhecimento global é ponto pacífico entre estudiosos de várias áreas. Segundo Traquina (2005b, p. 35), “o jornalismo tem uma das culturas profissionais mais ricas, se não a mais rica, identificado como é com os valores mais nobres na história da Humanidade”. Sendo assim, uma crise nessa relação (mídia x público) é uma crise da própria sociedade consigo mesma.

Fitzsimon e McGill publicaram, em 1995, uma obra onde traz à tona números ainda mais preocupantes dessa separação. Segundo eles, uma pesquisa realizada em âmbito nacional nos Estados Unidos, em 1994, indica que apenas 25% das pessoas inquiridas concordam com a afirmação de que a imprensa ajuda a sociedade a resolver seus problemas. A mesma obra conta que, em 1973, 23% das pessoas tinham muita confiança na imprensa, índice que caiu para 14% em 1983 e 10% em 1994. Com a posição de boa parte da grande mídia americana na cobertura da Guerra do Iraque, desde 2003, mesmo com um grande índice de rejeição da população à operação no Oriente Médio, podemos supor que esses índices, quinze anos depois, beiram o zero.

Não é só o público em geral que perdeu a confiança no jornalismo. Setores mais engajados da vida pública também acusam a imprensa de boa parte da desinformação, omissão e mesmo mentiras do qual tomamos conhecimentos nas nossas vidas. A teoria do jornalismo chamada de ação política também detecta essa adversidade ao jornalismo em voga. Nessa teoria,

[...] a imprensa é vista de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certos interesses políticos: na versão da esquerda, é vista como instrumento que ajuda a manter o sistema capitalista; na versão da direita, serve como instrumento que põe em causa o capitalismo (TRAQUINA, 2005, p.163).

Traquina (2005) acredita que os mais de cem anos de pesquisa acadêmica na área da comunicação social e seu questionamento da validade do *status quo* em vigência no jornalismo podem ter municiado a sociedade para uma desconfiança maior sobre a imprensa. No entanto, da parte do autor, é certo que mais do que a

academia possa ter revelado, o público – conscientemente ou não – encontrou os pontos de fuga do jornalismo em relação a si mesmo nas próprias páginas dos jornais, ondas de rádio e tv e no espaço virtual da internet, onde o jornalismo descolado do público também ganha muita força. Então, a próxima questão deste raciocínio é identificar onde ocorreram as rupturas mais significativas que deixam cada vez mais separados as necessidades dos cidadãos dos focos de interesse jornalístico. Entre os motivos, três são centrais: a obrigação da busca frenética por notícias a cada dia, a excessiva dependência das fontes oficiais e, sobretudo, a desconsideração dos cidadãos enquanto atores da vida pública, social e política. Significado oposto à percepção de público mero leitor/ouvinte/telespectador que não participa e apenas assiste, por vezes interessados, mas quase sempre descompromissados com a sua comunidade.

Entre todos esses aspectos, a necessidade da busca incessante por notícias é a questão mais complicada de se resolver, especialmente por dois motivos. Primeiro, porque a periodicidade da produção jornalística é algo que o caracteriza como atividade já há muito tempo.

No primeiro jornal norte-americano, que surgiu em 1690, o diretor prometeu que o jornal iria fornecer notícias regularmente... isto é, uma vez por mês. O diretor explicou que o jornal poderia aparecer com maior frequência “se acontecer algum excesso de ocorrências. A responsabilidade pela fabricação de notícias era inteiramente de Deus, ou do diabo (TRAQUINA, 2005, p. 56).

Hoje em dia, esteja Deus ou o diabo de férias ou ocupados com seus afazeres teremos muitos jornais, escritos ou etéreos.

O segundo motivo que torna a periodicidade do jornalismo imperativa é a necessidade de diferenciação da atividade de outras produções de conteúdo, como a literatura. Embora, claro, exista jornalismo não periódico, como os livros-reportagem. Ou seja, não exigir do jornalismo um extenuante compromisso periódico pode, inclusive, significar o fim da atividade como conhecemos. A produção jornalística cabe perfeitamente na lógica industrial, ou seja, metas objetivas a serem cumpridas (número de páginas, horas de programação...), compromissos com empresas de outros mercados (especialmente o publicitário, inclusive, o governamental), embora a matéria-prima da atividade, a grosso modo: os fatos e acontecimentos relevantes, sejam, sim, inconstantes dia após dia. Só para citar um

de tantos números impressionantes deste aspecto, recorremos ao caso de Washington, núcleo forte do jornalismo americano. “No ano de 2000, num dia normal de televisão, foram registradas 178 horas de programas de notícias e assuntos públicos num período de 24 horas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 211). Para ficar ainda mais explícito, significa dizer que cada cidadão de Washington precisaria de sete dias para assistir a toda a programação jornalística da TV local. A realidade é muito similar no Brasil. Só as três maiores redes de televisão do país demandam juntas 26h diárias de programação jornalística (entre atrações clássicas como telejornais de bancada ou novos formatos, onde se misturam conteúdos jornalísticos mais óbvios com espaço também para algo que lembra um guia doméstico como dicas para evitar crises alérgicas ou para se cozinhar melhor um bolo). Na TV Globo, são 6h por dia de jornalismo. Na Bandeirantes, 10h. Já a Record, mais 10h30min. Mas o que isso contribui para a que crise de empatia entre público e imprensa a que o autor se refere?

A primeira resposta é a mais óbvia: tudo que obrigatoriamente tem que ser processado muito rápido tem mais chances de conter erros, seja um pedido em um restaurante, seja a matéria mais importante do jornal do dia seguinte. O receptor de notícias não tem nada a ver com as dificuldades do tempo e quer, cada vez mais rápido, a sua informação – e, muito preferencialmente, ele a quer com precisão. Assim,

[...] a atividade jornalística é altamente condicionada [por fatores externos à própria preocupação de se fazer bem feito]. Muitas vezes o trabalho jornalístico realiza-se em situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas. Ele é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo (TRAQUINA, 2005, p. 25).

Se a pressa já era acachapante para o profissional de jornal, ainda mais para o de rádio e tv, a velocidade na internet é ainda mais determinante. Um bom caso para análise é o do anúncio da sede das Olimpíadas de 2016, no dia 2 de outubro de 2009. O mundo estava voltado para a Dinamarca, onde se daria a escolha. A cidade do Rio de Janeiro era candidata. As televisões recebiam o sinal internacional ao vivo. Na internet, claro, o anúncio também era acompanhado online. No corre-corre das informações, o principal site de notícias esportivas do Brasil, o "globoesporte.com", “eliminou” a cidade errada no primeiro turno. Enquanto Chicago

foi a verdadeira desqualificada, a informação era de que Madri estava fora da disputa. A confusão se desfez em menos de dez minutos, mas o suficiente para atingir quase trezentas mil pessoas naquele momento. Pior ainda fez o principal site de notícias do Rio Grande do Sul. Meia hora antes do resultado final, o site *zerohora.com* se adiantou e publicou uma matéria com o título “Agora é oficial: Rio de Janeiro será a cidade-sede dos Jogos de 2016”. De novo, precisou-se de outros 10 minutos para se corrigir o equívoco. No lugar da curta matéria, uma nova manchete “Acompanhe ao vivo a escolha da cidade-sede de 2016”. O erro de apenas um único site pode ocasionar um efeito dominó, ao ponto de ocorrer um frenesi dentro da redação do principal canal de esportes do país, o Sportv. Os diretores do canal, inclusive, cogitaram veicular a informação sublinhando explicitamente o crédito do órgão do sul do país. O novo erro custaria mais 4 milhões de pessoas mal informadas. Trata-se de um clichê, mas é inegável que erros de informação arranham a confiança do público com o órgão, já que aquele sempre supõe que o que este está dizendo seja informação verdadeira, seja a notícia.

No entanto, mais do que os erros, o prejuízo da mídia em relação ao público nesta quase insanidade que é a exigência de notícias minuto-a-minuto se dá em razão das escolhas de notícias que o jornalismo tem que fazer a partir daí. No contexto da imprensa, ganha espaço o escândalo e as “grandes” tragédias que, em capítulos diários como novelas, preenchem repetidas vezes o espaço da mídia. “O estudo do jornalismo demonstra claramente que o jornalismo está orientado para os acontecimentos e não para as problemáticas” (TRAQUINA, 2005, p. 29). O melhor exemplo para confirmação é o “Caso Isabella”, como ficou conhecido, a trágica morte de uma menina de cinco anos de idade que, segundo a polícia, foi jogada do quinto andar de um prédio de classe média por seu pai na zona sul de São Paulo em março de 2008. Embora realmente chocante, tratava-se de um caso isolado de um homem em surto, não um crime ou um conjunto deles de onde a imprensa pudesse desprender relevantes análises sociais com uma grande gama de pessoas atingidas. Mesmo assim, o tempo de cobertura da mídia foi impressionante: links ao vivo na porta da delegacia, entrevistas com as mais distantes das testemunhas do fato. Em situações assim, veículos gastam energia, pessoal e dinheiro durante dias para obtenção da menor das notícias, às vezes apenas uma nova informação que não muda nada o rumo da história, tudo pela continuidade do show.

Em casos assim, a mídia sempre consegue colocar os pés pelas mãos, como ocorreu no caso da menina Eloá. Sequestrada por seu ex-namorado, ela passou cinco dias presa em casa com sua melhor amiga. Após conseguir o telefone do sequestrador, vários veículos entrevistaram o criminoso em pleno crime durante aqueles dias, tudo pela continuidade do show. A Globonews, principal canal 24 horas de jornalismo do país, tenta se afastar desta 'novelização' das notícias. A declaração, dada ao autor em 2008, é das principais diretoras do canal, Alice Maria. Segundo ela,

temos que afastar do público o sentimento 'eu não aguento mais ouvir falar sobre isso'. Ele realmente fica saturado de alguns casos, e isso o faz desligar a tv. É claro que, às vezes, é difícil impedir que certas histórias ganhem novos capítulos até porque os contatos com as fontes já estão feitos e isso facilita todo o processo da produção de conteúdo, mas o segredo do bom jornalismo também está na proporcionalidade das notícias. Quem não sabe pesar a notícia está perdido (informação verbal).

Outro ponto que pode fazer o jornalismo “se perder” de seu público é a demasiada dependência ou confiança nas fontes oficiais, sejam elas do Poder Público ou mesmo da iniciativa privada. Essa é mais uma constatação que fica clara para quem convive dentro das redações de notícias de jornais, rádios e televisões do Brasil nesta primeira década do século XXI. É claro que “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta” (LAGE, 2001, p. 49). Ou seja, o jornalista precisa da fonte. Ele precisa conferir números, ouvir mais pessoas, inclusive especialistas, oficiais ou não, para ter segurança no que diz; afinal, como ficou famoso dizer, o jornalista é um “generalista”. No entanto, há uma sensível mudança no papel desta fonte perante o jornalista. “Originalmente, as fontes de informação não eram treinadas para desempenhar esse papel” (LAGE, 2001, p.59). Ainda segundo Lage (2001), foi a partir da Segunda Guerra Mundial, com a difusão das assessorias de imprensa, nascidas dos departamentos de Relações Públicas dos governos de Estados em conflito, que os contatos com instituições, empresas e mesmo pessoas notáveis passaram a ser feitos por intermediação profissional. A transformação foi recebida com desconfiança no meio do jornalismo. Embora a formação da maioria dos assessores de imprensa seja a jornalística, desde sempre, é questionável o título como tal para esses profissionais. Não vamos nos aprofundar nesta questão, mas é importante entender que, cada dia

mais, mais fontes utilizam seus assessores para profissionalizar suas respostas, desnaturalizá-las. Seria ingênuo acreditar que nessa intensa “preparação” feita pelos assessores, na maioria das vezes para seus assessorados passarem por sabatinas delicadas da imprensa, não haja omissão de fatos importantes e, inclusive, mentira muitas vezes. “É comum repórteres considerarem assessores de imprensa mais como antagonistas do que como colaboradores no processo de produção de informação” (LAGE, 2001, p. 50).

O surgimento das assessorias ajudou, no entanto, em, pelo menos, um ponto. Com a profissionalização do setor de informação pública, todos os jornalistas, amigos ou não das fontes procuradas, têm acesso aos questionamentos. Antes, as salas de imprensas eram mais povoadas por repórteres amigos, o que não deixava de ser uma maneira da fonte fazer um filtro político. Lage compreende da mesma forma: “A criação de assessorias teve, assim, uma vertente moralizadora e ética. [...] ajudou a transformar as mentalidades dos administradores, levando-os a considerar a informação do público como tema sério” (2001, p. 51).

Se há avanços, existem retrocessos muito nítidos também, especialmente, para o nosso tema central: o afastamento entre público e jornalistas. A profissionalização dos depoimentos pasteurizou o que é dito. Todos os veículos têm à disposição as mesmas declarações e, se o assunto for mesmo de grande relevância, essa declaração será muitas e muitas vezes veiculada, o que sempre é, no mínimo, perigoso. Se essa declaração vai alcançar tantas e tantas pessoas, é compreensível que ela seja muita bem calculada.

Grice (apud LAGE 2005, p. 57) alerta para a influência do interesse e da desconfiança das partes em qualquer conversa exercida.

O que Grice quis dizer é que toda conversação depende do que um dos envolvidos imagina que o outro pretende. Se ambos se admitem em boa-fé, procurarão atender às máximas e esperarão, cada qual, que o interlocutor faça o mesmo. [...] O resultado de uma consulta à fonte depende, assim, basicamente, da intenção que essa fonte atribui ao repórter (LAGE 2005, p. 57).

Embora tema central para o entendimento da atuação de fontes oficiais, o desenvolvimento das assessorias de imprensa não é o que parece obrigar os jornalistas a procurá-las. Trata-se de uma facilidade processual do dia-a-dia das redações. É um vício maléfico para a pluralidade de opiniões e, especialmente, para

o saudável exercício de ouvir pessoas comuns, o povo, que também tem muito a dizer. Primeiro porque, como abordamos há pouco, o jornalismo precisa de notícias frequentes. Para isso, se “pautar” é essencial. Não é possível ficar aguardando mortes violentas, catástrofes naturais ou acidentes aéreos para fechar um jornal. O planejamento da edição do noticioso (impresso ou etéreo) é parte fundamental da sua existência. Senão, correr-se-ia o risco de iniciar uma edição e ter de proferir “desculpas, não teremos edição hoje por falta de notícias”. Assim, o calendário de ações dos governos e seus governantes são um prato cheio em busca de uma notícia certa. Inaugurações, discursos ou mesmo visitas de menor importância com a presença de políticos são jogadas certeiras atrás de material jornalístico. Mais do que isso: como indica o nome 'oficial', os políticos, especialmente os eleitos são quem possuem as informações que traduzem as opiniões referentes aos governos dos três níveis. Para a imprensa, parece mesmo valer a lógica da democracia representativa, ou seja: 'se é a opinião do governo, é uma opinião relevante'. No entanto, mesmo em questões não referentes ao governo ou ao *metiê* político, são eles que são chamados ao microfone pela imprensa. Afinal, eles têm que ter opiniões. É, em certa análise, a profissão deles. A imprensa ajuda, nesse caso, a lógica do voto enquanto uma simples delegação de opiniões do eleitor para seu candidato.

De todos os motivos listados aqui e outros que não, o que mais se apresenta relevante para a crise de popularidade do jornalismo é a desconsideração, por parte dos jornalistas e donos de jornais, dos cidadãos em geral enquanto os atores mais importantes da vida pública da sociedade. Do lado do cidadão, para esta crise, prejudica a crença de que cada um apenas é, pode ou deve ser um espectador omissos dos problemas de sua região, país ou de todo o mundo.

O noticiário, retirando o foco de questões relevantes e que necessitam de uma análise coletiva profunda para a solução do problema e jogando luz sobre escândalos pessoais, ajuda a inércia estática do espectador. Nesses casos, o espectador perde a sensação de que o conteúdo dessa ou daquela matéria é essencial para a melhoria de sua vida. Segundo Schudson (1983), as profissões são tão mais levadas a sério ou olhadas com respeito quanto mais tratam de questões com preocupação fundamental por parte da população. Talvez seja por lidar com a vida e a morte que médicos têm uma reputação tão elevada, em geral.

A maior parte do jornalismo é irrelevante quanto a temas de preocupação fundamental. [...] a página esportiva, as seções de moda e entretenimento [...] podem ser divertidas. Podem ser até úteis. Mas poucas pessoas as veem como tocando em assuntos de importância fundamental (SCHUDSON, 1983, p. 2).

Se assim fosse, segundo Kovach e Rosenstiel (2003), a cobertura das corridas presidenciais americanas seria muito diferente. Para eles, a imprensa norte-americana acompanha uma corrida de cavalos, onde o interessante é saber quando e como um candidato passa a frente do outro e a quantas anda a bolsa de apostas.

Políticas e ideias são descartadas ou apresentadas como esporte, ou enfiadas no contexto de como uma certa posição política é calculada para que um certo candidato leve vantagem sobre um rival ou concorrente. Até mesmo a velha prática de entrevistar eleitores durante campanhas políticas é uma arte em extinção (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 45).

Se afasta da cobertura, o interesse pelas propostas, as soluções escolhidas e, especialmente, perde-se a oportunidade de utilizar-se o momento da seleção de um novo líder para a imprensa, juntamente com a população, colocar em pauta quais são as soluções que a comunidade prefere. Ou seja, passar ao cidadão a hipótese dele não se comportar só como um “mero” agente democrático de escolha representativa, mas também como alguém que pode, por si só ou não, pensar em alternativas para a melhoria da qualidade de vida de toda uma população.

No Brasil, a rígida lei eleitoral de proporcionalidade entre os candidatos e a proibição dos jornalistas manifestarem suas preferências, seja por projetos ou por candidatos, inibe a possibilidade de um debate mais amplo durante as campanhas eleitorais. No entanto, nos escândalos no Congresso Nacional, a realidade de não se discutir as questões de fundo e, sim, o fato em si se refaz. A opinião é compartilhada pelo jornalista Felipe Franke. Os alertas que ele faz é que, nos anos de 2007, 2008 e 2009, boa parte do noticiário sobre o Parlamento brasileiro se deu em cima da sempre iminente queda do presidente do Senado. Primeiro foi Renan Calheiros, após a descoberta de que ele pagava pensão alimentícia a um filho fora do casamento com dinheiro de empreiteiras. Depois, foi a vez de José Sarney, acusado, principalmente, de realizar contratações e outros atos administrativos em segredo sem publicação. Obviamente, os temas são de relevância já que tratam de moralidade da política nacional. No entanto, a 'novelização' dos fatos satura a

cobertura e desvia das questões reflexivas mais profundas. Por exemplo, há de se perguntar: quantas matérias sobre a situação da saúde ou da educação no Amapá, a pior do país, ou nas Alagoas, estados que os dois representam, foram feitas durante todo esse tempo? Quem se deteve a verificar os projetos dos dois antigos senadores para esses estados? A resposta é nula ou quase isso. Enfim, o que é mais interessante costumar ficar à frente do que é mais importante. Esse é o sentimento também de Traquina. Para ele, “[...] as notícias são de uma maneira crescente *info-tainment*, demasiada sobre o que é interessante e pouco sobre o que é importante” (TRAQUINA, 2001, p. 190). Na mesma obra, Traquina aponta a opinião de Bordieue, que também vai ao encontro do que está sendo dito: “[...] as notícias são muito demasiado simples, superficiais, sem contexto, sobre personalidades” (BOURDIEU, 1997 apud TRAQUINA, 2001, p. 190).

O dia-a-dia em algumas das principais redações de rádio e TV de Porto Alegre e Rio de Janeiro, tais como Bandeirantes, TV Globo e Sportv, também dão ao autor confiança para afirmar que a prática jornalística empresarial está hoje mais preocupada com o fluxo de trabalho contínuo e com a existência da notícia, mesmo que superficial, do que com uma relação profunda com a comunidade no qual ela está inserida. Prova disso é que se desenvolvem, dentro dessas empresas, executivos com cargos específicos de relacionamento com o mercado, seja o publicitário ou o próprio jornalístico. No entanto, o autor desconhece de qualquer função reservada, oficial ou não oficialmente, para um profissional exercer uma intensa relação entre a empresa de notícias e a sociedade civil. As relações mais profundas que essas empresas estabelecem, por vezes, com sindicatos ou com outros grupos organizados, se dão, também, dentro de uma lógica comercial-publicitária. Nas redações, não há discussão de como o jornalismo pode ser peça central em todo o desenvolvimento nacional, muito menos de o quanto a boa informação significa uma valiosa ajuda para o nosso receptor, que, assim, poderá desenvolver opiniões próprias e, em algum momento de todo esse processo, poderá, inclusive, tomar atitudes com suas próprias opiniões. Nas refeições entre jornalistas, por exemplo, os temas preferidos, invariavelmente, são pequenezas trabalhistas, como pagamento de horas-extras, plantões de final de semana e outros atritos normais de grandes empresas. Pouco se conversa, inclusive, sobre o jornalismo feito dentro do próprio veículo. Aliás, pouco o jornalista sabe do trabalho de seu colega, que, às vezes, trabalha para o mesmo jornal. São raríssimos os

conflitos ideológicos. Aliás, são raros os conflitos de todas as ordens, como destaca Breed: “[Há] ausência de grupos de lealdade em conflito” (apud TRAQUINA, 2005, p. 154). A impressão é de que o interesse dos jornalistas no jornalismo já é pouca; em seu receptor, então, menor ainda.

O autor acredita que haja, dentro das empresas, uma percepção inconsciente de que os cidadãos consumidores de notícias são, como disse o jornalista e sociólogo Lippman, “[...] espectadores de teatro que chegam no meio do terceiro ato e vão embora antes da última cortina, ficando no local o tempo suficiente para decidir quem é o herói, quem é o vilão” (apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 44). Kovach e Rosenstiel também trazem à tona a opinião de Carey em *A critical reader*, desenvolvemos “um jornalismo que se justifica em nome do público do qual esse mesmo público não participa, exceto como espectador. Os cidadãos viraram uma abstração, alguma coisa sobre a qual a imprensa fala, mas com a qual não se comunica” (CAREY apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 45). Para se defender como instrumento da democracia, o jornalismo deveria não só se considerar o “Quarto Poder” no momento de buscar escândalos ou denunciar políticos corruptos (embora esse papel também seja fundamental), mas, sim, na hora de mostrar à população que a atitude civil longe da política eleita também é fundamental.

Falta interesse em trilhar o caminho jornalista-cidadão. Mas falta muito também o interesse de se fazer o caminho contrário. Afinal, a posição do cidadão perante o jornalismo é cômoda. Exceto de dois em dois anos quando vota, ele não precisa se envolver em decisões políticas de grande relevância. Dessa maneira, prefere assistir ao espetáculo sentado (ou deitado). De quebra, ainda tem a liberdade para chamar todos os políticos de ladrões e todos os jornalistas de manipuladores. É claro que a atitude desta maioria não ajuda a ninguém. Não desenvolve nem o jornalismo, nem o Poder Público; não desenvolve nem a si mesmo como agente da comunidade. O crítico Traquina também identifica um forte desânimo do engajamento do público nas questões da vida pública. “Os próprios cidadãos precisam envolver-se nos seus próprios assuntos cívicos, e não esconder-se por trás de uma crítica generalizada, que é muitas vezes uma máscara que esconde a sua própria incompetência” (TRAQUINA, 2001, p. 190). A crítica generalizada aprisiona o olhar e dissemina uma sensação de que não há saída para a melhora. Afinal, “nada pode prosperar, ninguém pode fazer escolhas do que é

melhor ou pior, em um ambiente de descrença absoluta” (GAY, 2002, p. 27 apud TRAQUINA, 2001, p. 190).

Colocadas as principais questões do afastamento da imprensa e de seu público, avançamos para saber o que os críticos pensam como soluções para o tema. Podemos considerar que boa parte desse estreitamento da relação passa pelo entendimento de que um é fundamental para o outro. A criação, na imprensa, de um espaço público de debate, onde o cidadão comum se sinta representado e motivado a participar também é o caminho apontado por muitos críticos. Como é o caso de Rosen, acadêmico, professor da Universidade de Nova York:

Podemos [a mídia] tentar encontrar maneiras de interessar um maior número de cidadãos na vida pública quando tornarmos a vida pública mais interessante. Podemos encorajar o discurso sério a tornar-se 'mais público' quando tornarmos o discurso público mais sério” (ROSEN apud TRAQUINA, 2005, p. 180).

Não é só Rosen que tem a convicção de que o jornalismo tem como obrigação trabalhar no reforço da cidadania e da recriação de um espaço público mais ativo, com maior circulação de ideias que possam ajudar a comunidade local e global a sair de seus problemas. Merritt, um dos criadores de uma escola chamada "Jornalismo Cívico", também é citado por Traquina. Para Merritt, o jornalismo tem ignorado as suas obrigações para com uma vida pública efetiva e que esta falência tem sido um contribuidor importante para o atual “mal estar” na vida pública. “Tem de ser fundamental a adoção de um papel para além de dar as notícias” (MERRITT apud TRAQUINA, 2005, p. 177). Esse papel a qual Merritt se refere é justamente da revitalização de um espaço de interligação entre diversos grupos que vivem não só separados, mas também, muitas vezes, brigados entre si. É o caso do governo com a população, da população com o governo, da população com grupos organizados da sociedade civil, da sociedade civil com o governo, do governo com a imprensa, da imprensa com a sociedade civil e, por fim, claro, da imprensa com a própria população em geral.

O entendimento da imprensa como um fórum também consta nas ideias de Kovach e Rosenstiel. Para eles, “essa capacidade da imprensa de criar um fórum é tão forte que permeia todos os aspectos do trabalho dos jornalistas, começando com a matéria inicial com a qual ele alerta o público sobre um fato ou uma situação” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 206). Mas, discordando um pouco dos dois, nem

todas as notícias podem ser consideradas como aberturas de fóruns. E aí é que está o problema. A imprensa está demasiada interessada em notícias que entretêm, no entanto, não instigam.

À medida que o público começa a reagir a essas aberturas, a comunidade se nutre de vozes públicas – nos programas de rádio, talk show na televisão, opiniões pessoais nas páginas editoriais. [...] É esse processo que recria, todos os dias, nas sociedades modernas, os antigos fóruns nos quais as primeiras democracias do mundo se formaram [no caso clássico, a Grécia] (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 207).

A Ágora é mesmo uma boa analogia. Nela, o debate público amplo só era possível porque muitos estavam dispostos a ele. Tratava-se de uma comunidade menor, muito longe dos padrões que boa parte da população brasileira e mundial vive nos dias de hoje, nas grandes cidades. No entanto, quem além da imprensa ou da mídia de uma maneira geral é capaz de entreter as pessoas por tanto tempo a cada dia e as deixarem conectadas em assuntos de comum interesse? “Essa função de fórum da imprensa tornaria possível criar uma democracia até mesmo num país maior, diversificado” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 207). Todos os autores falam de algo que podemos chamar de cooperação democrática. Em uma análise ainda maior, não se trata apenas de democracia, na qual é obrigatório o voto e permitido a crítica. É uma democracia onde todos somos donos da comunidade e temos responsabilidade com o cuidado dela.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no trabalho trata-se da observação participante. Como base teórica para explicação da mesma, será utilizado o capítulo de Peruzzo no livro "Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação", de 2006, organizado por Duarte e Barros.

A observação participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua inserção com a situação a ser investigada. É a alternativa que pretende olhar as coisas de dentro, inclusive o seu processo e não só fazer a análise a partir do produto pronto – aquele que é difundido, no caso da comunicação social. Outra questão importante trata-se do compartilhamento por parte do investigador das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistemático – ou seja, ele se envolve nas atividades e passa a co-vivenciar interesses e fatos até então restritos aos produtores. Outro aspecto que Peruzzo (2006) coloca como central é a necessidade de o pesquisador assumir o “papel do outro” para poder atingir “o sentido de suas ações”.

Ainda de princípio, é bom que se diga que, segundo a autora, é quase consenso entre os escritores de manuais de metodologia para pesquisa em Comunicação que não há necessidade de o pesquisado “se confundir” com os pesquisados ou camuflar sua real origem e situação no mundo para poder captar as manifestações intrínsecas ao fenômeno e o sentido das ações do outro. Aliás, não há dúvida de que, mesmo querendo fazer-se passar por outro, o pesquisador, sendo estranho ao ambiente pesquisado, nunca será idêntico aos observados, até porque sua própria história e o seu modo de ver o mundo são diferentes.

Ainda segundo Peruzzo (2006), foi a partir da década de 80 e, especialmente, durante a década de 90 que a metodologia da observação participante ganhou expressiva presença nos estudos de comunicação no Brasil, por influência de publicações sobre essa metodologia de pesquisa provenientes, especialmente, das áreas da Sociologia. No seu capítulo, Peruzzo cita Borda e sua obra de 1981. Para Borda (1981 apud PERUZZO, 2006), a potencialidade da observação participante está precisamente no desejável deslocamento das universidades para o campo concreto da realidade. Para Peruzzo (2006), este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica, uma vez reduz as diferenças entre objeto e sujeito do estudo. Para Borda, a observação participante induz os acadêmicos a se sujeitarem ao juízo das comunidades onde vivem e trabalham, ao invés de fazerem avaliações de doutores e catedráticos.

Peruzzo (2006) acredita que a metodologia ganha força no momento em que a pesquisa de cunho positivista é questionada como a única modalidade válida para a pesquisa científica. É quando ocorre um amplo debate sobre os limites dos

estudos baseados em variáveis verificáveis matematicamente e sobre a não-neutralidade da ciência. Ou seja, trata-se de um questionamento da pesquisa apenas como busca de alguma objetividade científica. Na crítica de Borda (1981 apud PERUZZO, 2006), sobre a linha positivista, destaca-se a sua conclusão de que não devemos fazer da ciência um fetiche humano, “algo capaz de reger o universo e de determinar a forma e o contexto de nossa sociedade atual e ainda a do futuro”. A ciência, segundo ele, é apenas mais um produto cultural do intelecto humano que responde as necessidades coletivas concretas. Para Borda (1981 apud PERUZZO, 2006), não pode haver valores absolutos no conhecimento científico porque este irá variar conforme os interesses e objetivos das classes envolvidas na formação e na acumulação do conhecimento.

Portanto, conclui Peruzzo (2006), a neutralidade científica é uma falácia. Primeiro, porque mesmo o conhecimento objetivo não está imune a distorções como aquelas provenientes das situações artificiais criadas para algumas pesquisas. Segundo, porque, como foi explicitado por Borda (1981 apud PERUZZO, 2006), nenhum pesquisador está imune a valores, ideologias e posições políticas, que de algum modo perpassam suas escolhas teóricas e metodológicas e as interpretações de dados. Tudo isso serve para dar apoio a escolha da observação participante como prática válida para estudos na área da comunicação, mais especificamente. Para Peruzzo (2006), ganha força, assim, o método dialético, que possibilita a captação do fenômeno em todas as suas dimensões constitutivas, desde sua história e dinamicidade até as múltiplas determinações inerentes a qualquer fenômeno. Na pesquisa dialética, procura-se captar o “movimento” e nele compreender a essência e o maior número de dimensões do fenômeno. Em última instância, segundo a autora, significa dizer que há mais que se compreender do que aquilo que pode ser verificado estatisticamente. Definitivamente, desenvolve ela, não se trata de um conhecimento objetivo, atual e rigoroso, já que esse não tolera interferência dos valores humanos ou religiosos. Foi nesta lógica que se construiu a dicotomia sujeito-objeto. No entanto, a distinção sujeito-objeto nunca foi tão pacífica nas Ciências Sociais quanto nas Ciências Naturais. Peruzzo (2006) acrescenta ainda, entretanto, que a transformação da relação sujeito-objeto em sujeito-sujeito não implica a aceitação da interferência deliberada do subjetivismo e de preconceitos fincados em pressupostos político-ideológicos, indubitavelmente presentes em cada pesquisador.

A escolha da pesquisa participante no âmbito dos estudos em Comunicação também é de relevância na abordagem de Peruzzo (2006). Para ela, a metodologia deve ser usada na área especialmente a partir de duas motivações: (a) de uma pesquisa qualitativa realizada bem próximo ao objeto de estudo, que permita atingir elevado grau de profundidade e (b) de uma preocupação em fugir dos referenciais teóricos da teoria crítica de tradição *frankfurtiana* e, ao mesmo tempo, contribuir para o avanço de uma pesquisa em comunicação e para a transformação social. Ganha espaço o espírito de não só criticar, mas também agir.

Ainda segundo a autora, a pesquisa participante na área da Comunicação Social adquire três finalidades: a) observar fenômenos importantes ligados, especialmente, a experiências populares de comunicação voltadas para o desenvolvimento social; (b) realizar estudos de recepção de conteúdos da mídia, não voltados para a quantificação de audiência ou para o efeito implacável dela nas pessoas, mas sim focando os mecanismos de apropriação de mensagens ou mesmo de reelaboração das mensagens, partindo de pressupostos da existência da interferência de outras fontes na formação da representação da realidade; (c) tornar os estudos como fonte para aperfeiçoamento no modo de comunicar dentro da sociedade, ou mais especificamente, dentro da comunidade estudada.

Este tipo de trabalho tem sua origem nos estudos das comunidades desenvolvidos por antropólogos que se tornaram conhecidos como investigação etnográfica. Deu-se a partir do momento que pesquisadores perceberam que muitas informações sobre as vidas dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de maneira mais analítica. A investigação etnográfica, na área de Comunicação, tem sido usada para analisar os fenômenos comunicacionais, principalmente dos processos de recepção de mensagens dos meios de comunicação de massa, recebendo, inclusive, o nome de etnografia de mídia. Peruzzo cita, em seu capítulo, o professor Saperas que, em 1998, escreveu o Manual Básico da Teoria da Comunicação. Para ele, a metodologia consiste na observação participativa de segmentos dos processos de comunicação de massas com a finalidade de descobrir os comportamentos, os usos e as interpretações do público perante os meios de comunicação social. Trata-se de esmiuçar a situação em que se produzem a recepção dos meios e os usos sociais da imprensa.

Para Peruzzo (2006), a observação participante não só pode abarcar estudos de recepção de mensagens, de caráter massivo ou comunitário, mas também estar

interessada em captar outros processos comunicacionais, tais como: sistema de gestão de um meio comunitário de comunicação, mecanismos de participação popular na programação, bastidores de momentos de produção, tipo de relações e interferências em um departamento de produção jornalística.

### 3.1 APROPRIAÇÃO DO MÉTODO PELO ESTUDO

Antes de explicar mais detidamente a escolha da metodologia da observação participante, vale entender o porquê da escolha de um método de estudo qualitativo. A questão é que trata-se de uma pesquisa de avaliação de relações com nuances e complexidades que ficariam escondidas por de trás de tabelas, questionários e outros dados quantitativos. Segundo, ainda, o que Peruzzo (2006) escreve, a reelaboração que uma pessoa faz de uma mensagem, os valores, pressupostos ideológicos, indicadores de funcionamento de uma organização complexa, a participação popular nos vários níveis do processo de comunicação são questões difíceis de serem captadas em sua plenitude apenas através de informação estatística. Sobre a decisão por essa metodologia de estudo para o trabalho em curso, ela se deu por três motivos básicos.

Primeiro, porque trata-se de um estudo de relações, desenvolvidas entre o espectador (e, nesse caso, também fonte e personagem das matérias) com o jornalismo e os jornalistas. Sendo um estudo de relações, era desaconselhável metodologias em que o autor ficasse distante fisicamente do objeto pesquisado. O interesse é compreender melhor como é feita a abordagem do jornalista *in loco* no ambiente a ser reportado, já que o RJ Móvel tem, em sua essência, uma importante relação com o ambiente externo, sobretudo, com regiões distantes do centro da cidade, majoritariamente pobres. A intenção é de não só entender a relação com o ambiente, mas entender também como é feita a aproximação do repórter (ou de toda a equipe) do RJ Móvel com aquela pessoa que está fazendo a reclamação/denúncia.

Segundo, porque a intenção é ficar próximo também do processo de produção do quadro, dentro da redação. Entender como a reclamação chega até a editoria Rio da TV Globo e como o RJ Móvel escolhe qual denúncia “seguir”. Em um

quadro onde o peso da notícia é algo tão difícil de ser mensurado e balanceado com as outras demandas do dia, o círculo de decisões editoriais, por mais que não sejam as reuniões de altas chefias, é peça-chave no entendimento global do assunto a ser pesquisado.

O terceiro aspecto importante é o de formação do autor do estudo. Por se tratar de alguém com origem dentro de redações de jornal, rádio e tv e com proximidade com o campo da reportagem, ganha espaço a pesquisa feita *in loco*, onde aspectos não científicos clássicos também têm relevância. É claro que não cabe aqui fazer uma reportagem sobre o quadro, mas é impossível que aspectos da técnica jornalística de reportagem (como posicionamento na “cena”, identificação de personagens , entre outros) não façam parte do modo de agir dentro do estudo.

### 3.2 PASSOS METODOLÓGICOS

Mesmo com algumas visitas anteriores à redação da Globo Rio, no Rio de Janeiro, e conversas preliminares com os chefes, produtores, repórteres e editores do quadro, a decisão do estudo é focar a análise de uma semana de produção do RJ Móvel.

A observação se deu nos dias 17, 18 e 19 e 23 do mês de novembro de 2009. A primeira ideia era utilizar uma semana útil inteira, de segunda a sexta-feira, com os dias em sequências, não em dias esparsos, porque, dessa forma, ficaria mais fácil detectar a influência do fluxo de outras notícias em diferentes dias da semana para a realização do quadro. No entanto, por conta do feriado da Consciência Negra, dia 20 de novembro, os editores do programa decidiram focar a cobertura na saída para o feriado prolongado, e o RJ Móvel ficou, assim, sem edição naquele dia. Como substituição do dia não pesquisado, foi utilizada a segunda-feira, dia 23 de novembro.

O horário de acompanhamento é o do turno da manhã de um jornalista da Editoria Rio. A chegada na redação se dá perto das 6h da manhã e o encerramento da jornada, por assim dizer, acontece nas primeiras horas da tarde, perto das 14h, quando o jornal o qual pertence o quadro, o RJ TV – Primeira Edição – já encerrou.

Durante as primeiras horas da manhã, o autor participa dos pequenos encontros entre o repórter e a equipe de redação, que decidem o andamento do quadro e de todo o processo daquele dia. Logo depois, segue atento especialmente à preparação do repórter para sair a rua, já perto das 7h da manhã, e também à relação telefônica estabelecida entre os personagens do quadro do dia e a produção do RJ Móvel.

O acompanhamento se deu, na maior parte do tempo, muito próximo ao repórter, inclusive diversas vezes comentando com ele o que fazer ou ainda por que fazer cada escolha. Em alguns outros momentos, a proximidade se deu em maior intensidade com a população em geral sem a presença do repórter.

Depois de chegar ao local do quadro, a observação se foca, especialmente, na relação do repórter e da produção com os moradores da região. A intenção é entender como é estabelecida esta relação. Mais: saber como as propostas de participação no quadro – realizadas pelos dois lados, do repórter ou da fonte comum – é recebida pelo outro.

Depois de colhido o material gravado, acompanhar a edição do mesmo, antes ainda do programa entrar no ar. O objetivo também é saber se há uma participação da comunidade nas decisões editoriais de edição do quadro, saber se existe um pedido explícito ou implícito para que se mostre ou se esconda certos aspectos.

Há ainda outro processo importante em andamento antes do programa entrar no ar. Trata-se do contato da produção do quadro, ou mesmo do repórter, com autoridades do Poder Público. É a hora onde as reclamações são feitas formalmente e quando as promessas ou explicações são devolvidas. A observação se focará em saber como a população do local toma conhecimento dessas promessas.

A próxima etapa de observação é a da entrada ao vivo. Nesse momento, o mais interessante é, de novo, observar o comportamento das fontes comuns e das outras pessoas da comunidade. É costume se formar um grande círculo de pessoas ao redor do repórter nesse momento. Trata-se do esforço de cada um de aparecer na tv a qualquer custo.

Há ainda a possibilidade de permanecer na região abordada pelo quadro mesmo depois de ele já ter ido ao ar ou de as entrevistas e captações de imagens já terem sido concluídas. Isso deverá ocorrer para se colher também informações juntos aos personagens (também chamadas, a partir de então, de fontes).

A pesquisa só foi possível ser feita tão próxima às equipes do quadro porque o autor é funcionário da Central Globo de Jornalismo da TV Globo do Rio de Janeiro. Mesmo assim, a condição acordada tanto com os chefes de Editorias, quanto com os editores do próprio telejornal é que não haveria descrição dos nomes dos funcionários da empresa a serem citados, apenas suas funções. Da parte do autor, isso evita publicitar eventuais críticas ou considerações de um colega de profissão, empresa e trabalho.

### 3.3 RJ MÓVEL

O RJ Móvel é um dos quadros diários do RJ TV – Primeira Edição. O RJ Móvel não tem horário fixo, mas o RJ TV – Primeira Edição, sim. É do meio-dia até às 12h45min.

O RJ Móvel existe desde 14 de agosto de 2007. No anúncio do projeto da TV Globo, a ênfase é dada para a mobilidade que a Unidade Móvel oferece.

Nossos repórteres ganham mais mobilidade para mostrar o que acontece de mais importante no nosso estado. Com esse carro, a equipe do RJTV vai percorrer as ruas da cidade, do subúrbio, os municípios do Grande Rio de olho na notícia, bem mais perto da sua comunidade, atentos a tudo que acontece na nossa região. À bordo do RJ Móvel, produtores, técnicos e repórteres estarão prontos para gravar reportagens, transmitir notícias e entrevistas ao vivo de qualquer lugar, via satélite.<sup>1</sup>

O anúncio mostra o lançamento do veículo em si, podendo ser útil em outras situações de rua, fora mesmo do RJ TV – Primeira Edição. Mas depois, o quadro com o mesmo nome se consolidou e virou uma das marcas mais fortes do RJ TV – Primeira Edição.

Por vezes, o quadro tem chamada na escalada do programa; outras vezes, não. Quando tem, sempre é ao vivo com o repórter do quadro direto do local a ser reportado naquele dia. Ele costuma começar o texto dizendo onde ele está e qual o problema a população local está reclamando e, claro, termina sublinhando que todos os detalhes serão dados durante o programa.

---

<sup>1</sup> <http://www.globo.com/rjtv>.

Quando chega o momento do quadro ir ao ar, a chamada é feita pelos próprios âncoras do programa de dentro do estúdio. Há, então, uma vinheta de abertura do quadro, onde o dinamismo e a mobilidade do veículo são destacados em vídeo. O primeiro a aparecer no quadro é o repórter, ao vivo, normalmente de algum ponto-chave da região ou do local do problema a ser denunciado.

A primeira entrada ao vivo costuma ser de apresentação do problema. Já está atrás do repórter toda a pequena multidão local que abana e aparece para a câmera – é algo que chama a atenção. O repórter então diz que o RJ Móvel foi até ali para ouvir a reclamação dos moradores e mostrar qual a situação do problema. É a chamada para entrar um vt gravado, onde será mostrado o trabalho pela manhã.

Nesse vt, imagens da denúncia e, logo, a apresentação dos personagens, que servem como guias/ apresentadores dos problemas. Costumeiramente, tratam-se de pessoas simples, moradores das próprias regiões próximas, que não estão mais suportando as deficiências de infraestrutura ou de serviços públicos do local. Algumas outras vezes, quem fala são líderes comunitários locais. Depois dos principais problemas já mostrados em vt, o quadro volta para o repórter, ao vivo, em outro local da região.

É o momento em que o repórter, de novo em stand up, apresenta quais as promessas que os órgãos públicos já contactados fizeram à população. No final do texto, depois de quase cinco minutos no total do quadro, o repórter invariavelmente diz que o RJ Móvel seguirá atento ao cumprimento de promessas, já que a situação não pode ficar como está. Então, o repórter, ainda ao vivo, chama os apresentadores do programa, que recebem o *take* e fazem algum comentário sobre os problemas recém apresentados.

#### **4 O POVO RECLAMA**

O RJ TV é o telejornal fluminense mais tradicional. No ar, ininterruptamente, desde 1983, hoje conta com duas edições. O RJTV – 1ª Edição inicia ao meio-dia e

tem, em média, 40min de duração. Enquanto o RJTV – 2ª Edição vai ao ar às 19h e dura 20min.

A partir de 2000, o jornal adotou uma nova linha editorial, como ocorreu com toda a Editoria Rio da TV Globo. A proposta era reforçar o espaço como um fórum, onde cariocas e fluminenses pudessem debater com as autoridades as melhores soluções para os problemas do Estado do Rio de Janeiro, com campanhas e discussões, e reportando sempre com foco nas ações implantadas na prática. Ou seja, a escolha editorial dos últimos dez anos foi ressaltar dentro da maior editoria regional da TV Globo um forte caráter regional e, por que não dizer, um mais explícito caráter comunitário também.

A partir disso, ainda no início dos anos 2000, foi criado o RJ TV na Baixada. Era uma espécie de sub-sede, um escritório da Editorial Rio fora da zona sul carioca, do bairro do Jardim Botânico. Isso ajudou o RJTV a “sair” de fato da zona sul da Capital Fluminense e o levou para a Baixada Fluminense, uma região do Estado do Rio de Janeiro que conta hoje com mais de 4 milhões de pessoas em sete cidades. A Baixada Fluminense, segundo números do IBGE de 2005, tem uma taxa de crescimento demográfico equivalente ao dobro da cidade do Rio de Janeiro. É uma região pobre, onde cerca de 20% da população têm rendimentos abaixo de meio salário mínimo. Segundo números do IBGE de 2008, 25% das residências da Baixada Fluminense não tem acesso à rede de água.

A decisão de dar mais ênfase aos problemas da Baixada Fluminense também tem a ver com o crescimento do caráter popular do jornalismo praticado pelas principais concorrentes da TV Globo – notoriamente a Record e a Bandeirantes. A TV Globo não quer ser considerada um canal excessivamente formal, atento às questões políticas e econômicas de todo o mundo, em detrimento de um olhar mais local, mais comunitário. A TV Globo, por decisão editorial, quer se fazer presente também próximo à vida do cidadão comum. Apenas como orientação para as afiliadas, a avaliação é considerada ordem dentro das cinco editorias regionais da TV Globo pelo país.

Nesse sentido, além da criação de uma sub-sede na Baixada, a Globo criou, em 1995, juntamente com o SESI, o Ação Global. Trata-se de um mutirão nacional, onde profissionais ligados à própria emissora e outros contratados e voluntários ajudam a população pobre do país a emitir documentos, receber atendimento médico, odontológico, jurídico, além de atividades de esportes, recreação e lazer. É

uma iniciativa com a intenção manifesta de unir a emissora de TV de maior idade, abrangência, audiência e relevância a estratos mais baixos da hierarquia social.

É nesse espírito que o RJ TV tenta se guiar. Especialmente, o RJTV – 1ª Edição, já que tendo mais tempo de produção consegue dar mais ênfase às pautas à parte dos assuntos considerados obrigatórios, as pautas clássicas do dia-a-dia, função que cabe muito mais ao RJTV – 2ª Edição, possuindo característica básica também de fazer o monitoramento do trânsito do Rio em seu horário mais caótico.

O RJ Móvel é um produto criado atendendo a esta lógica editorial da TV Globo: tornar a emissora mais próxima do maior público receptor possível. Somado a isso, outra atração editorial e de imagem enquanto empresa jornalística se destaca: é a dinamicidade do veículo. Ter um furgão e uma equipe como essa possibilita deslocamento rápido para todo o Estado do Rio de Janeiro, e ainda produção, edição e difusão, ao vivo se quiser, de conteúdo de áudio e vídeo.

#### 4.1 ROTINA

As decisões de como será o novo dia do RJ Móvel começam, na verdade, no dia anterior. Durante a tarde ou mesmo à noite, é fechada a pauta do dia que está por vir.

O horário combinado para a chegada da equipe de externa é às 6h da manhã. Salvo raras exceções, ninguém da equipe de externa sabe qual será o destino do RJ Móvel, nem mesmo o repórter. Ele é o responsável editorial por comandar esta equipe, enquanto o operador técnico dá a palavra final, claro, em toda a parte técnica. Ainda perto das seis, o repórter vai até a redação. Lá, entra no sistema operacional e de comunicação de toda a redação da TV Globo do Rio de Janeiro e, buscando nas pastas, acha qual será a pauta do RJ Móvel daquele dia; então, imprime a pauta. Depois, ainda encontra uma das sub-editoras do jornal. A conversa costuma ser rápida, quando a pauta é de comum acordo ou não há maiores dúvidas e objeções. No entanto, em um dos dias pesquisados, foi possível presenciar uma discussão da pauta a ser cumprida e a escolha inicial foi mudada, conforme solicitação do repórter.

Depois de sair da redação, o repórter vai até o estacionamento das UMJ's ou dos “caminhões” (UMJ significa Unidade Móvel de Jornalismo, mas também podem ser chamados de caminhões todos os veículos que têm antenas de transmissão acopladas e, assim, podem fazer links ao vivo). O veículo usado no RJ Móvel é conhecido apenas como Redação Móvel. No estacionamento, o repórter se encontra com os demais três integrantes da equipe: o operador de externa, também conhecido com “pejoteiro” (graças à antiga sigla de Unidade de Produção Jornalística, a UPJ), o cinegrafista e o operador técnico. Ali, já perto das 6h20min o repórter informa qual será o destino do dia. Ainda há tempo para um obrigatório café da manhã. Todos vão até uma padaria próxima à sede da TV Globo no Jardim Botânico, bairro do Rio de Janeiro. Por lá, conversam com conhecidos de outras áreas da empresa e também com o público em geral, comentam as principais notícias do dia, tanto do noticiário, quanto de amenidades quaisquer. É um momento que serve para equipe fazer algumas pequenas combinações do que fazer, o que explorar e também para ler alguns jornais na banca de revistas. O momento também ajuda para entrar no clima do dia, se atualizando e percebendo o que as pessoas estão falando nas ruas.

Enquanto tomam café, a Redação Móvel fica na garagem, onde é revisado e limpo pelos profissionais encarregados de toda a frota de veículos da TV Globo do Rio de Janeiro. A partida da equipe se dá perto das 6h40min. É possível sair com toda a equipe, geralmente quatro pessoas, apenas usando a Redação Móvel. Mas, normalmente, a saída é feita em dois carros. Na Redação Móvel, quem dirige é o operador de externa e o passageiro é o cinegrafista. Em um outro carro, normalmente uma camionete, o motorista é o operador técnico; o passageiro, o repórter. Nos dias pesquisados, esse segundo carro foi utilizado também para carregar o gerador de energia. Esse gerador é necessário para ligar todo o sistema elétrico da Redação Móvel, fundamental para a transmissão ao vivo, mas normalmente está acoplado ao próprio caminhão. No entanto, neste período, esse contato direto estava com defeito. Quando não há esse problema, o carro extra serve também para dar mais mobilidade a toda equipe, seja para voltar, seja para percorrer as ruas do bairro, enquanto, como veremos adiante, a Redação Móvel faz contato com o satélite de transmissão. As duas partes da equipe se comunicam sempre através de rádios.

O caminho é percorrido pelos dois carros e algo chama muito a atenção: é a reação das pessoas na rua. Praticamente todas olham, muitas abanam e logo percebe-se que o carro, com um destacado símbolo da Globo, vira assunto por onde passa. Ao se aproximar da localidade a ser reportada naquele dia, a atuação do repórter muda completamente. Até então, ele não estava aguçadamente atento a tudo o que se passava na rua. No entanto, a partir desse momento, mostra-se com um olhar muito mais sagaz, como se procurasse buracos, desrespeitos à lei, problemas em geral, enfim, notícias que já possam servir como conteúdo para o quadro do dia. Todo o caminho pode ser feito em cerca de 30min ou em até 1h30min, dependendo, claro, da distância da redação até o local. Quando é muito longe, que custem pelo menos 2h de viagem, a equipe pode ser chamada para sair ainda mais cedo da redação, mas isso é raro de ocorrer.

Na chegada à localidade, logo procura-se o anfitrião. Os primeiros cumprimentos costumam ser festivos por parte do personagem, que agradece a iniciativa da equipe ir até aquele esquecido lugar. Logo depois, o repórter e o cinegrafista já querem logo produzir o primeiro material, o quanto antes. Há pressa nesse primeiro momento. Mas ainda antes de saírem pela região para gravar, é decidido onde será o ponto do ao vivo. Luz, enquadramento, fundo, extensão de cabo e escolha dos problemas a serem denunciados são questões levadas em conta nesse momento. Quem costuma sugerir o ponto é, primeiramente o cinegrafista e, depois, o repórter. O operador técnico apenas dá o aval logístico.

Enquanto parte da equipe, repórter e cinegrafista saem para gravar, o operador técnico vai posicionando o caminhão e fazendo os testes de contato com o satélite de transmissão. Se não é possível fazer o contato daquele ponto, o que é raro, ele avisa a equipe e se dirige a uma nova posição.

Entre 8h e 10h30min, todo o material de vídeo deve ser produzido: entrevistas, passagens, e imagens. É pouco tempo e o repórter mostra-se sempre bem apressado para produzir todo o conteúdo do dia. Durante esse período, o repórter faz contato com o produtor e com o editor do quadro, que estão na redação. Para lá, o repórter vai relatando em que passo está o processo e como está pensando em montar o vt, que é a parte gravada do quadro.

Depois da coleta de todo o material, ainda antes das 11h da manhã, o repórter faz novo contato com a redação, via rádio. Ele explica como está imaginando começar o texto, qual será o ponto do vivo, quais problemas apontar,

quais sonoras foram boas, quais passagens ele quer usar. Outra questão importante nesse momento é avisar quais órgãos devem ser procurados para darem alguma resposta às reclamações. O editor, na outra ponta do rádio, pode fazer algumas considerações, mas normalmente valem as ideias do repórter que, afinal, está na rua e vendo mais de perto a situação.

O repórter, então, se concentra em fazer o texto de toda a sua participação. Para isso, assiste, no monitor dentro do próprio carro, às passagens, imagens e sonoras que fez, anota tudo e pensa como amarrar o texto. Quando termina, grava o texto do “*off*” pelo microfone conectado à câmera.

Na rua, a preocupação agora é gerar o material. A antena do carro então é acionada e sobe apontando para o satélite. O disco de gravação é retirado da câmera e inserido no gerador. O operador da técnica faz contato com a chamada “ENG”, mais conhecido em outras emissoras como Central de Cópias (CEOP ou CECOP) que, na prática, trata-se da Central de Gravações, para onde todo o material que se dirige a TV Globo do Rio de Janeiro é enviado. Os testes de croma e audiometria são feitos e, então, com tudo acertado, o material é gerado.

Na redação, duas frentes de trabalho são abertas. O produtor se detém em ligar para os órgãos públicos envolvidos nas denúncias e reclamações para saber o posicionamento deles em torno das questões. A tentativa é ouvir a autoridade de maior hierarquia de cada órgão, os secretários, mas muitas vezes isso não é possível. Então, pega-se como promessa a declaração da própria assessoria de imprensa.

Outra frente de trabalho se dá pelas mãos do editor do quadro. Ele leva o material gerado da ENG para a ilha de edição e, conforme o que foi combinado com o repórter e sua própria avaliação, monta a matéria. É uma edição linear, como veremos adiante, mas o que isso significa para a rotina é de que se trata de algo muito rápido. A edição pode ser feita até em pouco mais de 20min.

Na rua, a equipe já está como outra preocupação: posicionar-se para a entrada ao vivo. Cada um, claro, tem uma função diferente. O repórter já está criando e tratando de decorar o seu texto de abertura do quadro. O cinegrafista posiciona a câmera e ajusta a entrada de luz na lente. Já o operador técnico passa pelo seu momento mais crítico. Ele tem que “fechar” conexão com o satélite e garantir que a transferência de dados se dará de forma segura durante todo o tempo no ar. Já o operador de externa tem três preocupações. Uma é segurar o rebatedor

para ajudar na iluminação do rosto do repórter, outra, ainda mais importante, é controlar para que a população local não atrapalhe a entrada ao vivo do repórter com gracinhas para câmera. Ele também é o encarregado pelo cabo de transmissão de dados que está conectado entre o furgão e a câmera.

Depois disso tudo acertado, o repórter põe o fone que lhe servirá na comunicação com a coordenadora do ao vivo, que está em uma sala chamada de controle no complexo do Jardim Botânico. Cerca de 10min antes de o RJTV entrar no ar, ela dá o 'ok' para a equipe gravar o *teaser* da abertura. Trata-se de uma chamada para o quadro, que, resumidamente, dirá onde o RJ Móvel está naquele dia e quais os problemas eles foram denunciar.

*Teaser* gravado e, via rádio, ocorre uma nova ligação do produtor do quadro. Ele passa ao repórter quais foram as respostas que os órgãos cobrados deram aos problemas apresentados, justificativas e prazos para a solução do problema. O repórter anota em seu bloco e utilizará essas informações na chamada “nota-pé”.

Jornal no ar e aumenta a tensão dentro da equipe do RJ Móvel que está na rua. Normalmente, é nesse momento que a população da comunidade, sobretudo crianças voltando da escola, se aglomera atrás do repórter para ou fazer bagunça - de todos tipos: abanar, dançar, etc. -, ou ainda para protestar, às vezes com cartazes, às vezes através de sinais com as próprias mãos. O repórter fica ouvindo o retorno do áudio do programa no ar e é constantemente avisado pela coordenadora quanto tempo falta para ele entrar no ar.

Quando faltam apenas alguns segundos, a coordenadora avisa que horas são, porque essa informação será a primeira do boletim ao vivo. No estúdio, os apresentadores apenas chamam o quadro: “agora é hora do RJ Móvel”. Nesse momento, entra a vinheta do programa no ar. Na volta da vinheta, o repórter já está posicionado e costuma começar o texto da seguinte maneira: “Meio-dia e 17min, o RJ Móvel hoje está no bairro de Miguel Couto, no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, para saber das condições....”. Normalmente, o quadro escolhido pelo cinegrafista já tem na sua composição algum elemento desse principal problema. O texto introduz quais são as reclamações e tenta passar qual é o espírito em geral daquela população com o tema. O “vivo” dura cerca de 1min. Ele encerra quando o repórter chama o vt, que é a parte gravada do quadro. Ele usa a seguinte deixa: “a gente passou a manhã conversando com moradores do bairro e veja só o que eles disseram”.

O vt gravado é o grosso da matéria, onde as reclamações são mais detalhadas e onde, especialmente, a população pode falar. Ele dura entre 3 e 5min. Todos os quatro integrantes da equipe têm fones para acompanhar o áudio da matéria e para escutar a contagem regressiva feita pela coordenadora do vivo. Depois da matéria, o repórter sempre volta para sua última participação ao vivo. Nesse momento, é hora de dar a nota-pé com as promessas e explicações do Poder Público ou, quando produzido anteriormente, ouvir a palavra da autoridade que foi até o local para dar as explicações pessoalmente.

Quando a segunda participação ao vivo termina, o repórter devolve a palavra para os apresentadores, que estão no estúdio. É hora de desmontar a estrutura do RJ Móvel na rua. O repórter está imediatamente liberado para voltar para a redação, a não ser que seja encarregado de gravar um “Globo Comunidade”. São *flashes* que entram durante os intervalos comerciais da TV Globo do Rio de Janeiro, sempre trazendo o que é chamado de “serviço”. Informações úteis, telefones de contato, procedimentos a se tomar em alguma situação crítica são alguns dos exemplos de assuntos abordados por este quadro. O cinegrafista também é prontamente liberado. Já os operadores técnico e de externa podem ficar encarregados de ficarem no local até que a chefia de redação decida se o veículo volta para o Jardim Botânico ou se se mantém no lugar esperando uma nova equipe que poderá fazer uma matéria de desdobramento do assunto.

#### 4.2 ESCOLHA DA PAUTA

A escolha é feita levando em conta diversos aspectos. O mais importante trata-se de decidir se o destino será escolhido pelas notícias do próprio RJ TV dos últimos dias, se será uma cobrança por uma expiração de prazo prometido pelo Poder Público ou se o destino será escolhido a partir de denúncia que algum espectador fez através de seus contatos com a redação do quadro.

A escolha através do noticiário é feito quando, por exemplo, uma região da cidade do Rio de Janeiro ou da Região Metropolitana foi atingida por uma forte chuva. As reportagens feitas durante o alagamento, por exemplo, não estão sob o guarda-chuva do RJ Móvel, trata-se da cobertura normal do RJ TV. No entanto, as

reclamações da população local nos dias posteriores, como o mau cheiro, a falta de água potável, a má distribuição das doações, a falta de socorro da Defesa Civil, isso sim, é pauta importante para o RJ Móvel. Quando o deslocamento é feito sem uma reclamação específica por parte da comunidade, o repórter vai a campo com a autonomia total de encontrar pessoas nas ruas daquele local e perguntar a elas, enfim, quais problemas elas estão enfrentando nos últimos dias. Ou seja, a reclamação perde o foco de um problema crônico para se transformar em um problema mais pontual, circunstancial daquela comunidade naquele momento. Esse tipo de escolha depende realmente do peso da pauta e, na semana pesquisada, representou três das cinco saídas, como veremos adiante, especialmente por conta de um grande enchente que ocorreu na Baixada Fluminense. Os produtores não têm o número exato, mas casos como esses, tratados como “factuais”, representam menos que um terço das viagens.

Outra justificativa para a escolha da pauta do dia no RJ Móvel trata-se do que podemos chamar de renovação da denúncia. Ou seja, o RJ Móvel já foi naquele lugar e, desta primeira vez, escutou do Poder Público as suas promessas. O órgão estipulou, então, um prazo para intervir na situação. Isso, claro, é anotado pela produção do programa e, quando esse prazo se expira ou se aproxima, o RJ Móvel volta até a comunidade para fazer uma nova reclamação ou mostrar o que já foi feito naquela localidade até então. A solução completa dos problemas apresentados durante a semana de pesquisa é algo que não ocorreu, e a equipe diz que realmente se trata de algo, infelizmente, muito raro.

A maioria das viagens do RJ Móvel são feitas mesmo a partir de um chamado da população. Esses contatos podem ser feitos de, pelo menos, três maneiras. A mais comum é a ligação telefônica. Durante o quadro no ar, sempre há um gerador de caracteres que informa qual o número de telefone a discar, além disso essa informação também está bem visível no site do quadro na internet. Quando a ligação é feita, quem atende são os produtores do quadro ou ainda outros produtores da Editoria Rio da TV Globo, que podem fazer os primeiros contatos enquanto os produtores do quadro não estão em seus horários, normalmente no período da noite. Outro meio utilizado para a população fazer contato com o RJ Móvel é através do envio de vídeos. Trata-se de um portal, que também fica no site do RJ TV, chamado VC (Você) no RJ TV. O texto do site diz o seguinte:

Mande para gente um vídeo com os problemas da sua comunidade, do seu bairro, da sua vizinhança. Vale câmera de celular, de máquina digital ou de modelos amadores. O importante é você mostrar a sua visão da cidade. Seu vídeo pode ser aproveitado numa reportagem do RJTV e você pode virar o personagem desta história.<sup>2</sup>

Na prática, poucos vídeos são usados, mas alguns que são recebidos podem interessar para se querer fazer um “RJ Móvel” em cima do assunto denunciado. Ainda há uma terceira forma de fazer contato com o quadro: é a relação direta com toda a equipe durante as reportagens. Impressiona o número de pessoas que se aproximam do repórter, cinegrafista, operador técnico, operador de externa e mesmo do autor do trabalho, que ficou sempre bem próximo da equipe, para se queixar de algo grave que, segundo os moradores, mereciam um “RJ Móvel”. Segundo o cinegrafista oficial do quadro, dependendo do repórter, essas denúncias são ouvidas com muita ou com bem menos atenção. Por vezes, os números de telefones e emails são anotados pela própria equipe para haver um novo contato, mas, na maioria das vezes presenciadas, a recomendação que a equipe dá ao morador que se aproxima com uma denúncia é procurar os caminhos normais para se fazer essa reclamação ao quadro, ou seja, usar o telefone.

#### **4.2.1 A Pauta**

Ainda no dia anterior, então, a pauta é produzida por um dos produtores do quadro. A pauta não é simples, é a mais completa que o autor já teve a oportunidade de conhecer em seis anos de carreira. Ela é dividida, na maioria das vezes, em três partes.

Na primeira, existe o que é chamado de “marcação”. Ali, há especificidades de onde deverá ser o encontro, a que horas, quais pontos de referência e também quem será a personagem da comunidade que servirá como guia, anfitriã da nova visita do RJ Móvel, o nome completo dela, ocupação e telefone para contato. Como a maioria dos locais visitados estão no distante subúrbio ou ainda no interior de cidades da Região Metropolitana, sobretudo na Baixada Fluminense, sempre há na

---

<sup>2</sup> <http://www.globo.com/rjtv>.

pauta uma extensa explicação de como chegar até esse exato ponto. Todas essas informações, claro, já foram colhidas junto à pessoa que ofereceu a pauta.

Na segunda parte do documento, há a explicação de qual é, de fato, a pauta a ser cumprida. O texto lembra o da cabeça de um telejornal: “O RJ Móvel hoje vai cobrar uma promessa não cumprida da Prefeitura de Nova Iguaçu. No dia 16 de fevereiro, mostramos as péssimas condições da Estrada Luiz de Lemos, uma importante via do município”, é um exemplo. Ainda nessa parte intermediária, há a indicação de quais pessoas foram ouvidas na primeira ocasião, quais prazos foram dados a elas e como está a situação de momento do fato reclamado. O texto segue dizendo o que se passou naquela comunidade desde a visita do RJ Móvel há mais de oito meses, depois, explicando qual a importância viária daquela avenida para o vai-e-vem do bairro. Na pauta, ainda há novos detalhes sobre o comportamento dos moradores na região, que tipos de protestos eles têm feito e o que esperam das autoridades. O texto da pauta sempre faz referência que as informações foram passadas pelos próprios moradores. Ainda nessa segunda parte da pauta, existe a indicação de que sonoras fazer. A entrevista com a personagem principal é quase que obrigatória, salvo não raras exceções em que quem convoca o RJ Móvel é algum político interessado em cargos eletivos nas eleições seguintes. Essa indicação não consta em pauta, mas é algo sabido entre a equipe. A pauta ainda explica como a personagem entrou em contato com o RJ Móvel, quais serão os estabelecimentos em que ela levará a equipe e pede ao repórter para fazer um “povo-fala” com os moradores, comerciantes e motoristas que passam pelo local.

Na terceira e última parte da pauta, consta o texto na íntegra da reportagem passada, com cabeças e notas-pé, e, quando é o caso, ainda a clipagem de matérias a respeito do mesmo tema.

#### 4.2.1.1 Exemplo de Pauta

**MARCAÇÃO:**

\* **ÀS 08H00**, NA ESTRADA LUIZ DE LEMOS, 591 - EM FRENTE AO SUPERMERCADO VIANENSE.

>> MARCADO COM A MORADORA MARIA DA GLÓRIA RODRIGUES DOS SANTOS - 9657-7697

**COMO CHEGAR:** NA DUTRA, ENTRAR NA PRIMEIRA À DIREITA ANTES DO VIADUTO DA POSSE, EM FRENTE AO SESC. SEGUIR EM FRENTE NA ESTRADA GONÇALVES DIAS, PASSANDO PELA RUA PLÍNIO CARNEIRO JORDÃO ATÉ A ESTRADA LUIZ LEMOS. VIRAR À DIREITA NA ESTRADA LUIZ LEMOS, NO SENTIDO DO BAIRRO MIGUEL COUTO. DEPOIS DO SINAL, NA ESTRADA VELHA DE IGUAÇU, SENTIDO TINGUÁ. SEGUIR NA ESTRADA VELHA DE IGUAÇU ATÉ A PRAÇA DA FIGUEIRA (QUE FICA EM FRENTE AO COLÉGIO AMINTAS PEREIRA), ENTRAR NA RUA MAJOR SÁ FREIRE E SEGUIR EM FRENTE ATÉ A RUA REGINA.

**PAUTA/PROPOSTA:**

O RJ MÓVEL HOJE VAI COBRAR UMA PROMESSA NÃO CUMPRIDA DA PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. NO DIA 16 DE FEVEREIRO, MOSTRAMOS AS PÉSSIMAS CONDIÇÕES DA ESTRADA LUIZ DE LEMOS, UMA IMPORTANTE VIA DO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU. NA OCASIÃO, A SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS ENVIOU A SEGUINTE NOTA: "A SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS DE NOVA IGUAÇU INFORMA QUE AS OBRAS DE INFRAESTRUTURA E PAVIMENTAÇÃO NA AVENIDA LUIZ DE LEMOS, A VIA PRINCIPAL DO BAIRRO, SERÃO CONCLUÍDAS EM 60 DIAS." MAS NÃO É O QUE SE VÊ NO LOCAL.

OS MORADORES E COMERCIANTES DO LOCAL DIZEM QUE, DEPOIS DA VISITA DO RJ MÓVEL, OPERÁRIOS FORAM ATÉ O LOCAL PARA TAPAR OS BURACOS COM PÓ DE PEDRA. MAS AS OBRAS NÃO FORAM RETOMADAS. E OS BURACOS JÁ ESTÃO NOVAMENTE À MOSTRA. A ESTRADA LUIZ DE LEMOS É A PRINCIPAL LIGAÇÃO DOS BAIROS MIGUEL COUTO E POSSE. UM TRECHO ESTÁ SEM PAVIMENTAÇÃO. EM FRENTE AO SUPERMERCADO VIANENSE, MORADORES ESTENDERAM CARTAZES COM RECLAMAÇÕES QUANTO À NÃO-CONCLUSÃO DA OBRA.

VAMOS GRAVAR COM A MORADORA MARIA DA GLÓRIA, QUE ENVIOU UM EMAIL À REDAÇÃO PARA COBRAR PROVIDÊNCIAS. ELA VAI NOS LEVAR ATÉ UMA PADARIA QUE FICA PRÓXIMA, QUE ESTÁ PERDENDO A CLIENTELA, POR CAUSA DA POEIRADA QUE SOBE DAS PISTAS. VAMOS FAZER POVO-FALA COM MORADORES, COMERCIANTES E MOTORISTAS QUE PASSAM PELO LOCAL.

#### 4.3 TEXTO DO VT EXIBIDO NO DIA 16/02

**Nova Iguaçu: obras inacabadas provocam caos no trânsito**

As ruas estreitas do bairro não estão aguentando, por causa das obras, e o asfalto está cedendo. Os moradores, então, bloquearam as calçadas para que os carros desviem e não causem acidentes.

Nova Iguaçu é um dos maiores municípios da Baixada Fluminense, com 830.672 moradores e uma frota de 102.766 veículos, segundo o IBGE. Na Estrada Luiz de Lemos, uma das principais do bairro da Posse, uma obra que está sendo realizada fez o trânsito desviar para o local.

As ruas estreitas do bairro não estão aguentando. Os moradores estão passando o maior sufoco, porque o asfalto está cedendo. Por isso, eles

bloquearam as calçadas para que os carros desviem e não causem acidentes.

Quando o RJ Móvel chegou ao bairro, homens da prefeitura estavam a estrada Luiz de Lemos, trabalhando nas obras de recuperação e pavimentação da via. Depois de um trecho da estrada que está interditado, os motoristas são obrigados a desviar e não conseguem passar, por causa dessas obras.

Segundos os moradores, nas ruas transversais, para dentro do bairro, onde fica a maioria das casas, as ruas estão intransitáveis. E, por lá, não há obras. A falta de manutenção das ruas é tão grande que, em alguns trechos, o asfalto afundou, e o barro já aflorou. A água está acumulada. E, para que os carros não passassem pelo local, os moradores interditaram a própria rua.

"Os carros passam por cima da calçada. Eles desviam por cima da calçada", conta uma senhora.

"A gente estava saindo com o nosso carro da garagem. E um veículo que não estava na rua e estava na calçada pegou o nosso carro", diz a estudante Evelin Eduardo.

Os motoristas, quando chegam a um determinado ponto, são obrigados a desviar. Como não tem como passar, eles vão pelo canteiro até o outro lado da pista e, lá, acabam entrando na contra-mão.

"A obra complica nossa vida, mas não sou contra. O que nós estamos reclamando é a demora da obra", afirma um senhor.

A Secretaria Municipal de Obras de Nova Iguaçu informou que as obras de infraestrutura e pavimentação na Avenida Luiz de Lemos, a via principal do bairro, serão concluídas em 60 dias.

A Secretaria de trânsito ficou de enviar agentes hoje para controlar o tráfego e evitar que moradores sofram acidentes.

A Companhia de Desenvolvimento de Nova Iguaçu informou que já está fazendo a recuperação do pavimento na Rua Quermesse, em que os carros passam pela calçada.

#### 4.4 SENTIMENTO DO PÚBLICO

A chegada sempre é espalhafatosa. O furgão é grande, fácil de ser reconhecido. A comunidade percebe logo o desembarque da equipe e avalia muito rápido também que algo de muito diferente, até mesmo exótico, está para acontecer naquele dia. Nitidamente, o boca a boca funciona e é crescente o número de pessoas que se formam ao redor do veículo e da equipe. As crianças são as que mais se atizam e se aproximam da Redação Móvel para olhar para o seu interior ou ainda fazer alguma brincadeira com o repórter. Outros, mais ressabiados ou tímidos, olham apenas de soslaio, desconfiados. Muito poucos fazem qualquer protesto em um primeiro momento. O fato é que ninguém passa ignorando o carro. A Globo, de fato, se faz presente logo.

#### 4.4.1 Esperança

Os comentários da população logo ajudam o autor a perceber que a ida da reportagem de um quadro comunitário como esse em regiões pobres de grandes cidades, sem um evento noticioso de grande porte – como mortes violentas, tragédias, desabamentos, enchentes -, é algo muito valioso para todas aquelas pessoas. “Graças a Deus, alguém veio nos ajudar!”, “Até que enfim eles vieram...”, “Quero ver alguma coisa mudar agora!”, “A situação tá horrível, doutor, vocês têm que ver”, foram algumas das frases ouvidas de moradores esperançosos com o poder transformador do RJ Móvel. É o caráter mais intrigante que a presença da equipe produz. Quem sente isso é quem acredita, de fato, que uma denúncia em horário nobre, em um quadro do canal mais conhecido da televisão brasileira, pode fazer com que o Poder Público da região se faça presente e, pelo menos, tome alguma medida emergencial para resolver a situação desagradável denunciada pela comunidade local. Em uma segunda análise, é quem acredita, mesmo que inconscientemente, que o jornalismo pode ter um papel diretamente benéfico no dia-a-dia daquelas pessoas. Embora a consideração de que toda informação bem comunicada têm o seu papel transformador, ou deveria ter, é fácil de perceber que para aquelas pessoas da comunidade, ou ainda mais, para todo aquele estrato da população, notoriamente a mais pobre, o RJ Móvel traz uma comunicação diferente. A observação de um outro morador ajuda a ter noção que diferença é essa. Ele disse: “Eu gosto da reportagem como essa, que quer ajudar”. Como veremos adiante, essa não é uma opinião comum a todos, mas demonstra que existem, sim, pessoas que acreditam – de novo: mesmo que inconscientemente – que um tipo de jornalismo presta serviços à população, enquanto outros, nem tanto.

O personagem principal, aquele que a equipe foi ao encontro, parece sempre o mais confiante de que a denúncia surtirá efeito imediato para a comunidade. “Vai ser demais se vocês colocarem no ar mesmo. Quero ver a cara deles [a prefeitura] quando vieram aqui de novo, porque com vocês falando, eles terão que vir aqui de novo, botar o pé na lama. Não fosse [isso], eles não vinham nunca”. Foi a primeira intervenção de um morador quando chegamos em um bairro distante de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Mas ainda mais do que na denúncia que podemos chamar de “produzida” ou “programada”, o sentimento de esperança entre a

comunidade pôde ser percebido na impressionante quantidade de pessoas que se aproximam, sobretudo do repórter, para contar algum descontentamento particular seu com o Poder Público. “Você tem um minutinho para me ouvir?” “Posso contar algo que é de seu interesse? É de seu interesse!” são pedidos que se repetiram mais de duas dezenas de vezes durante os cinco dias de pesquisa. Entre os pedidos flagrados, houve quem reclamasse do preço da luz, da truculência com que agentes da Defesa Civil se aproximaram da população atingida pela enchente para perguntar sobre estragos causados pela água, da falta de emprego para os moradores do bairro e ainda da grande quantidade de cachorros latindo à noite em um bairro de Belford Roxo.

Durante a entrada ao vivo, essa parte da comunidade que deposita esperança real no quadro como melhoria da situação da localidade também age, por vezes. Na visita ao bairro da Grama, em Nova Iguaçu, cerca de dez cartazes foram expostos atrás do repórter com críticas ao governo municipal. “Onde estão nossos representantes??”, “Por que não tem médico no posto da Grama?”, “Queremos saúde”, foram alguns dos cartazes que surgiram em punho da população.

#### **4.4.2 Feitiço Televisivo**

Outro comportamento intrigante da população com a aproximação do RJ Móvel trata-se do que o autor vai chamar de feitiço televisivo. É a reação eufórica produzida simplesmente pela presença da câmera. “Olha que chique, mulher... vou sair na Globo”, é o comentário de um dos entrevistados no interior de Duque de Caxias. “êêê, agora vou para o baile e chegar junto na mulherada, tô famoso”, disse, aos risos, um lavador de carros entrevistado. “Ó, é a Globo” e frases com o significado bem semelhantes são ouvidas frequentemente. Só a passagem do repórter, mesmo sem a câmera, já promove um burburinho em boa parte da comunidade local, sobretudo crianças. Esse comportamento se distancia daquele mais engajado, preocupado de fato com o andamento das coisas do bairro. Parece vir daqueles que estão mais entretidos com a diversão de simplesmente aparecer na televisão. O símbolo da Globo no microfone, nos uniformes e especialmente nos veículos também cativa as pessoas. Em Belford Roxo, uma cena chamou muito a

atenção do autor. Uma menina de não mais do que cinco anos avistou o símbolo no carro, largou a mão de sua mãe e gritou “Xuxa”. Correndo, partiu em disparada para dentro do veículo para saber se a famosa apresentadora estava mesmo por lá.

São momentos que resumem como um canal de televisão, sobretudo a TV Globo, pode desenvolver uma relação íntima, intensa com boa parte da população de um país. Aparecer na Globo ou simplesmente conhecer alguns dos integrantes da equipe da emissora, em especial aqueles que são mostrados no vídeo, parece significar para essas pessoas uma troca de nível dessa relação. As comunidades visitadas se tornam mais íntimas à Globo e vice-versa.

O alvoroço ocorre mesmo com a câmera desligada, mas é quando ela é ligada, sobretudo para a entrada ao vivo, que se percebe o fascínio que a televisão provoca. Dezenas de pessoas, às vezes centenas, se aglomeram atrás do repórter para simplesmente abanar para câmera, fazer caretas ou ainda ficar parados, de braços cruzados, como os famosos “papagaios de pirata”. Aliás, em Belford Roxo, podemos flagrar um exemplo cabal de como esse fascínio funciona na cabeça de algumas pessoas. O RJ Móvel estava na cidade, que fica a cerca de 70 quilômetros distante do centro do Rio de Janeiro, para saber como ocorria a distribuição de donativos para afetados pela enchente de três dias atrás. Para quem conhece bem o quadro, podia se prever que ele estaria lá naquele dia. Foi o que fez Nelson Araújo, o Papagaio. Ele é um “papagaio de pirata” profissional, corre atrás dos links ao vivo da Globo, sobretudo os do RJ TV, para simplesmente aparecer na tv o maior número de vezes possíveis. E, naquele dia, ele foi até Belford Roxo para mais uma vez “só” aparecer na tv. Ele já é bastante conhecido entre cinegrafistas e repórteres, mas esses não se esforçam em ter uma relação mais próxima a ele, já que “papagaios” não são bem quistos por ninguém que trabalha com televisão ao vivo. O autor deste estudo conversou com ele.

A minha filha adora me ver na televisão, sabe que eu sou importante, que sempre estou perto das notícias, seja de desabamento, de fogo. Só não subo em morro, para quê? Para ver gente morta? Eu não. O que eu mais gosto mesmo é do Globo Móvel [RJ Móvel]. A população também toda adora, já que só serve para melhorar a vida delas, né?

#### 4.4.3 Gratidão

Esse é o sentimento mais prazeroso para toda a equipe do RJ Móvel. Agradecimentos vêm a toda hora, especialmente na chegada, quando as dificuldades ou as restrições de alcance da reportagem ainda não ficaram claras para a população local. “Muito obrigado por terem vindo, a situação aqui tá péssima, será que vocês ajudam?”, foi a frase dita por uma dona de farmácia no bairro da Grama, que reclamava muito da poeira decorrente da falta de infraestrutura de calçamento em todo o bairro. Depois de cada entrevista com os moradores, os próprios entrevistados agradecem a oportunidade de falar, de reclamar de uma situação que lhes angustia há um bom tempo. Em Duque de Caxias, uma senhora se exaltou ao reclamar, para o microfone, da inoperância do Poder Público Municipal e até chorou. Ela reclamava da falta de ajuda por parte da Secretaria de Bem-Estar Social após as fortes chuvas. Depois de chorar, se afastou do grupo criado e disse: “Desculpa, meu filho, pelo escândalo, mas eu tava precisando botar isso para fora”. A frase é síntese da observação de um primeiro sentimento de gratidão que se pôde perceber: o de simplesmente ouvi-los. É este um dos méritos mais importantes do quadro, especialmente no sentido da aproximação real entre jornalistas e/ou empresas jornalísticas e o público em geral. Pode parecer pouco, mas se nos dermos conta perceberemos que são muito poucas as situações criadas, sobretudo no jornalismo de tv, onde pessoas comuns, sem cargos ou sem serem testemunhas de fatos que gerassem notícias maiores, têm o microfone aberto a sua frente para reclamar do que bem entenderem.

Só a audição do problema já traz algum conforto e gratidão, mas o sentimento de agradecimento, de fato, vem – se é que vem – depois do problema resolvido, total ou parcialmente. É o caso de Gerciano de Lima Luz, morador do bairro da Grama, em Nova Iguaçu. Ele ligou para o RJ Móvel porque a estrada do Cassiano, que faz a ligação entre os bairros da Grama e Figueiras II, estava em uma situação tão ruim que, segundo ele, os ônibus não passavam mais. Para pegar uma condução, então, os moradores do interior do bairro estavam tendo que andar até dois quilômetros. O RJ Móvel foi até o local e denunciou a situação. Em dois dias, a Prefeitura de Nova Iguaçu foi até o local e tapou os principais buracos da estrada. O sentimento deixado pela Rede Globo em Gerciano fica claro nessa entrevista realizada uma semana após o quadro ir ao ar.

**Por que o senhor pensou em denunciar o problema através do RJ Móvel?**

É que a gente observa que quando o problema é externado na mídia, especialmente na Globo, que é a maior de todas, a Prefeitura se vê na obrigação de dar a resposta. Vocês ( a posição do autor da pesquisa foi esclarecida para ele antes da entrevista ) não resolvem o problema, mas ajudam muito em tudo.

**Você acredita que o quadro está mais preocupado na solução do problema ou apenas na coleta de conteúdo para colocar no ar?**

Pelo o que eu observei, há um envolvimento, sim. Além do profissional, a Globo tem um lado humano. É claro que precisa de uma ocupação do tempo, eu sei disso, mas não acho que é só isso o que está em jogo.

**O que a Globo, na sua opinião, ganhou ao ir aí?**

Credibilidade, credibilidade, credibilidade. Houve uma pressão sobre o prefeito e não demorou dois dias para ele mandar os funcionários aqui. Se solucionou o problema. Quer dizer, parte do problema, mas isso já é muita coisa. Sabe aquele buracão que vocês viram? Não existe mais. Eles botaram pó de cimento dias depois, foi muito bom e os ônibus já estão encorajados a passar. Só a gente reza para não chover bem agora.

**Você confia nas notícias que assiste na televisão?**

Eu sei que tem muita gente que só quer fazer barulho em cima dos problemas dos outros. Mas, para mim, a maioria quer o bem, sim. A solução veio de imediato. E, no geral, eu vejo que a mídia está mostrando as coisas como elas são. Ninguém me contou, eu vi: “vocês” botaram o pé na lama para ver a situação, a péssima situação, que a gente vive. Mas se eu confio? Confio, sim. Ainda mais a partir de agora.

**Você acha que falta na imprensa mais espaço para se mostrar problemas comunitários, como faz o RJ Móvel?**

Eu gostei muito. Não é para puxar o saco, até porque eu nem preciso disso. Mas, na verdade, achei muito curto. Eu vi vocês fazendo várias reportagens ( entrevistas ) e entraram bem poucas. Mas, eu sei, o espaço é pouco. Deveria ser mais, na minha opinião.

#### 4.4.4 Descontentamento

Embora a visita do RJ Móvel provoque reação positiva na maior parte da comunidade anfitriã, não são raras as pessoas que creem que o motivo da visita não é nobre e, em cima disso, verbalizam críticas. Um bom exemplo de como isso pode ocorrer se deu em Duque de Caxias, também na Baixada Fluminense. O repórter estava reunindo uma dezena de mulheres que reclamavam da falta de organização da Secretaria de Bem-Estar Social do Município para distribuir os donativos que haviam sido doados para as vítimas das enchentes. Era um momento tenso, onde muitos falavam alto, quase gritavam, em busca de um lugar ao microfone. Foi então que uma mulher falando muito, muito alto reclamou: “Eles estão aí fazendo vocês de palhaço, quero ver eles colocarem alguma reclamação que preste! Eles cortam tudo o que é importante, quero ver ir para o ar.... não vai, não!”. A reclamação recebeu abrigo entre algumas outras mulheres. “É mesmo! Eles só querem mostrar o

bonitinho! Filmar lá para dentro [o interior do bairro do Rincão], eles não filmam”. Os protestos ganhavam corpo ao ponto de o cinegrafista se sentir ofendido e gritar: “Não esculacha, não! Estamos aqui trabalhando. Não quer aparecer, não aparece, mas não atrapalha o nosso trabalho”. A anfitriã do encontro, Cristina Demétrio, quem chamou o RJ Móvel para lá, tentou acalmar a situação. Ela também mostrou os estragos das chuvas para a equipe, mas não ficou satisfeita com a ida do RJ Móvel ao seu bairro, como ficou claro na entrevista feita uma semana depois.

**Por que o senhor pensou em denunciar o problema através do RJ Móvel?**

Eu escolhi porque a Globo tava aqui [ no CIEP que recebeu e organizou os donativos para os afetados pelas enchentes de Belford Roxo ] direto. Todos os dias estavam aqui ao vivo, falando do problemas das chuvas. É a TV que tem mais gente escutando também.

**Você acredita que o quadro está mais preocupado na solução do problema ou apenas na coleta de conteúdo para colocar no ar?**

Eu tenho certeza que só está preocupado em fazer a reportagem. Nem vieram perguntar se tínhamos resolvido a situação. Nunca mais voltaram. Eu nem estava reclamando para mim, na minha casa nem entrou água, mas a comunidade não estava sendo atendida. E, para falar a verdade, não teve efeito nenhum. No final da reportagem, foram entrevistar a mulher do prefeito [ secretária Municipal de Bem-Estar Social ]. Daí, ficou ridículo. Foi a nossa palavra, contra a dela. A Globo queria apenas cumprir a reportagem.

**Qual você acredita que é o papel, o motivo, do quadro dentro do programa?**

É a oportunidade do povo estar mostrando a realidade em si em sua comunidade. Às vezes, como foi o caso, é super mal mostrada. O programa até entra em contato com a Prefeitura, mas é só.

**Você acha que o protesto deu resultado?**

Tivemos a contra-resposta das autoridades, que disseram que estavam distribuindo certinho as doações. Não é verdade, não estavam distribuindo. Mas a verdade é que no dia seguinte foi uma equipe da Defesa Civil, só na nossa rua, para entregar as doações, mas foi uma vez só. Mas o que eu questionei mesmo não foi atendido. O pessoal da Prefeitura ainda disse para eu não ligar para o Wagner Montes [ Wagner Montes é deputado estadual e tem um programa na TV Record do Rio de Janeiro no início da tarde].

**Você confia nas notícias que assiste na televisão?**

Agora mesmo que não. Por experiência própria, não confio.

**Você acha que falta na imprensa mais espaço para se mostrar problemas comunitários, como faz o RJ Móvel?**

Eu gostei que eles atenderam prontamente, vieram. Não gostei da postura do repórter, que só estava afim de ouvir as pessoas, cumprir a reportagem, nem tava preocupado se eram mesmo as pessoas atingidas.

Uma última conversa, testemunhada pelo autor já na saída da visita até a cidade de Belford Roxo serviu para mostrar uma ponderação interessante feita por uma moradora que havia esbravejado há pouco tempo que nada mudaria com a presença do RJ Móvel na região. Ela, ainda muito enfurecida, reclamou: “Duvido que essa porcaria [apontando para o furgão] mude alguma coisa aqui do Ipê [Jardim do Ipê, bairro de Belford Roxo]. Mas a verdade é que vocês não é nada, né? Não é

governo, não é Prefeitura, não é polícia, não é bombeiro”. Outro morador, então, completou: “Você acha que televisão tem escavadeira [retroescavadeira]? Você acha que eles têm uma sala cheia de roupas para doar? Eles não têm! Eles são TV, eles só mostram. Os outros é que têm que fazer alguma coisa”.

O RJ Móvel estava de saída de Belford Roxo quando toda a equipe ouviu outra valiosa manifestação que ajuda ainda mais a entender a relação que o público desenvolve com o jornalismo. Uma garotinha de menos de 10 anos, voltando da escola, se aproximou das senhoras que estavam reclamando e gritou: “Pobre é bicho coitado mesmo. Só aparece na TV quando morre ou perde tudo”.

#### 4.5 ELEMENTOS DE NARRATIVA DE REPORTAGEM

O RJ Móvel utiliza-se de quatro tipos de construções de reportagem em televisão. O primeiro é a passagem testemunhal: nessa, o repórter se aproxima do flagrante a ser denunciado e conta com o que está presenciando. Como nesse exemplo, onde a repórter está em uma ponte com a estrutura bastante prejudicada: “E o que os moradores contaram para gente também é que a ponte não para de ceder. Aqui embaixo, por exemplo, esses pedaços de concreto tão caindo... cada dia cai um pouquinho”. Nenhuma pessoa é ouvida diretamente nessa modalidade narrativa.

O segundo é a passagem com sonora: trata-se de uma variação da passagem testemunhal, mas nessa, um morador já está ao lado do repórter para ser entrevistado. É uma modalidade muito usada, pois pode unir a improvisação do repórter com mais uma sonora. Como nesse exemplo, onde o repórter está em um posto de distribuição de donativos para atingidos pela enchente.

Aqui andando pelas ruas do bairro Pilar, o RJ Móvel encontrou este posto de doação de alimentos... roupas... organizado pela própria comunidade na sede de uma ONG na rua São José do Rio Preto. Ô, Moisés, como será feita a distribuição de tudo isso aqui para as famílias? – Aqui nós estamos fazendo uma parceria com a igreja, porque é a igreja que está interagindo com as pessoas, sabe o local onde as pessoas estão mais precisando. – Ou seja, está tudo organizado? – Tudo organizado, usamos essa ficha de cadastro, o morador vem até aqui, se cadastra, o pessoal da igreja vai até a

casa desses moradores, vão ver a necessidade a quantidade de alimentos, roupas também e será doado dessa maneira.

O terceiro é o texto em *off* é muito pouco usado pelo RJ Móvel. Serve apenas como elemento de ligação para as passagens testemunhais e para as passagens com sonoras. O texto em *off* serve ainda para lembrar fatos do passado ou chamar imagens de arquivo. Quando usado o texto em *off*, é claro, as imagens são cobertas seguindo o conteúdo do áudio. Exemplo: “No fim-de-semana, uma equipe do programa Mais Você registrou um tumulto na sede de uma igreja que funcionava como abrigo, em Caxias. Alguns moradores levaram dezenas de peças, sem respeitar a ordem de chegada”.

O quarto é a passagem ao vivo, que é utilizada em dois momentos do quadro: no início e no fim. No início é utilizado como abertura, como nesse exemplo:

“Meio-dia e 17, o RJ Móvel permanece na Baixada Fluminense. Estamos no bairro da Grama, em Nova Iguaçu. Os moradores entraram em contato com a gente para reclamar da falta de infraestrutura do bairro. Olha só o tamanho dessa poça d'água que se formou aqui no meio da estrada da Grama. Isso não é porque choveu nessa noite, nem na noite anterior, não. Essa água acumulada é da chuva da semana passada. O RJ Móvel percorreu algumas ruas do bairro e conversou com os moradores. Veja só o que eles disseram”.

#### 4.5.1 A Reportagem

A atuação do repórter e a necessidade da execução da reportagem é o que mais assemelha o RJ Móvel a qualquer outro modelo não temático do fazer jornalismo diário em televisão. Há uma missão bem clara a ser cumprida, e ela deve ser feita rápida, sob pena de não valer para nada. Da chegada ao local até a geração do material para a sede da emissora, raramente o tempo supera duas horas. Isso, como não poderia deixar de ser, torna-se linha-mestre de toda atuação do repórter durante o trabalho. A pressão do fechamento, o que Traquina chamou de “exigência da tirania do fator tempo” (2005, p. 25), conduz o repórter para uma objetivação de todo o processo e o induz a selecionar o seu olhar restritamente para o assunto em questão.

Em lugares tão pobres, perto de pessoas com graves carências e que depositam na televisão alguma forma confusa de pedido de socorro, é impossível não trombar com imagens e histórias que chocam. Elas, isoladas, seriam suficientes para imobilizar um qualquer cidadão, pasmo com o mal-estar com que algumas pessoas vivem. Mas não o repórter. Ele está a trabalho e não tem tempo a perder. Afinal, ele tem que produzir, não é uma escolha. Durante os dias pesquisados, ficou ainda mais claro para o autor que a pressa empobrece o conteúdo, sobretudo o possível questionamento a ser feito sobre a questão.

Em Nova Iguaçu, em um dos bairros afetados pelas fortes chuvas, uma situação ajudou o autor nesta interpretação. O repórter já havia gravado uma entrevista com um morador que reclamava que o posto de saúde da comunidade não tinha médicos havia quarenta e cinco dias. O repórter revisou a sonora ainda na própria câmera e a aprovou. Ou seja, decidiu que aquele ali já era material suficiente para ir ao ar sobre aquele tema. Não mais do que dois minutos depois, uma senhora idosa entrou pela porta do posto e, cerca de cinco minutos depois, voltou porque, mesmo com muitas dores, não tinha conseguido atendimento. A queixa chegou até o autor desse trabalho, que, ao saber da história, chamou de pronto o repórter para recomendar a ele uma nova gravação, dessa vez com alguém que estava sofrendo muito mais na pele a ausência de um bom atendimento. O repórter recusou ligeiro: “Essa sonora eu já tenho” e seguiu depressa para cumprir a próxima missão.

A análise a ser feita é que todo o conteúdo se superficializa quando se troca a vontade de descobrir boas histórias e de comunicá-las bem por uma obrigação empregatícia de simplesmente ter material em áudio e vídeo de qualidade apenas suficiente para entrar no ar. Dentro da equipe, o repórter é tanto mais reconhecido como sagaz, esperto, quanto mais rápido e objetivo consegue encerrar o seu trabalho. Com o cinegrafista, ocorre o mesmo. Sem contar, é claro, a editora-chefe do jornal que, mesmo na redação, monitora, muitas vezes de perto, a velocidade de produção do repórter e, como era de se esperar, lhe cobra perto do horário de fechamento.

Também é pelas rígidas leis impostas pelo tempo que o repórter deixa de conversar com boa parte das pessoas que lhe procuram. Em Nova Iguaçu, ainda no caso dos dias seguintes aos da enchente, uma senhora de aproximadamente 50 anos se aproximou do repórter para saber se poderia contar o seu desespero passado alguns dias antes, quando, segundo ela, o nível da água chegou até a sua

cintura. Ele não lhe deu ouvidos, pediu para conversarem depois, já que naquele momento tinha que decorar o texto da entrada ao vivo. Ela, irritada com a falta de guarida da sua reclamação, esbravejou: “ih, esse repórter não tá é com nada”.

Enquanto para a chefia é mérito ser rápido e objetivo, na comunidade, isso é demérito. Mais conexão há, quanto mais paciência e atenção o repórter dispõe para as pessoas.

#### 4.6 RELATÓRIO DE CAMPO, DIA 17 DE NOVEMBRO

Para ajudar na análise do quadro objeto do tema deste trabalho, o autor decidiu por contar resumidamente o que aconteceu em quatro dos cinco dias pesquisados. O segundo dia, entretanto, dia 17 de novembro, recebeu uma atenção especial e será contado em maiores detalhes.

**Data:** 17 de novembro 2009, terça-feira.

**Destino:** Bairro Jardim do Ipê, Belford Roxo; Cidade dos Meninos e Pilar, Duque de Caxias.

**Problema:** Devido às fortes chuvas que atingiram a Baixada Fluminense nos dias 14 e 15 de novembro, boa parte desses bairros ficou verdadeiramente embaixo d'água.

**Pauta:** A intenção era percorrer as ruas desses bairros para saber quais os problemas decorrentes que a população local vinha enfrentando, saber se a água já tinha baixado, se os órgãos públicos como, Defesa Civil e a Secretaria de Assistência Social dos Municípios, estavam prestando um bom trabalho e se as doações estavam chegando até as pessoas cadastradas.

**Natureza da Pauta:** Suíte da notícia mais importante do último final de semana.

**Marcação:** Às 10h da manhã com a moradora Cristina, que denunciava que, em Belford Roxo, as doações recolhidas na sede do CIEP Vinícius de Moraes não estavam chegando aos moradores, mesmo àqueles já cadastrados.

**Ponto do Vivo:** CIEP Vinícius de Moraes, sede do hospital de campanha montado pela Prefeitura de Belford Roxo e do centro de captação de doativos para atingidos pelas chuvas.

**Contraponto:** Ao vivo, no final do quadro, com a Secretária de Bem-Estar Social da cidade de Belford Roxo, Eliane Rolim.

**Prestação de serviço:** Ao vivo, no início do quadro, com o Coronel Luís Guilherme, superintendente operacional da Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro.

**Relatório:** Entre os pesquisados, foi o dia mais tenso e o melhor para observar a mobilização que a ida do furgão do RJ Móvel pode causar em uma comunidade. A chegada foi mais cedo que o comum para o repórter, perto das 5h30min. Ele foi a bordo do próprio furgão. O autor, mais os operadores técnico e de externa foram em um segundo carro mais tarde, perto das 6h30min. O combinado era que todos se encontrassem na pequena base montada pela Editoria Rio nos últimos quatro dias, no CIEP Vinícius de Moraes, que servia de centro de operação da Prefeitura de Belford Roxo. O caminho até lá foi demorado, com engarrafamentos na Via Dutra e também dentro da cidade do Rio de Janeiro. O tempo serviu para o autor conversar com os dois outros integrantes da equipe. O objetivo era saber qual era a diferença para eles, funcionários da TV Globo, portanto aptos a realizarem qualquer missão da emissora, seja o RJ Móvel ou não, trabalhar para o quadro em questão. O operador de externa, com mais de trinta anos de TV Globo, se mostrava sempre muito satisfeito.

“É muito melhor fazer serviço [serviço é a maneira que boa parte da redação se refere às matérias com questões comunitárias envolvidas ou ainda que contenham informações práticas, diretas para a melhoria da vida das pessoas] do que fazer denúncia. O problema da denúncia é que sempre tem alguém que não gosta nada do que você está fazendo. É até mesmo perigoso. Daqui a pouco, no meio da matéria, chega alguém perto e fala: 'É melhor vocês pararem de fazer porque o homem não está gostando'. Às vezes, é alguém do tráfico, da milícia [grupos paramilitares que dominam comunidades da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense]. No serviço, a comunidade sempre adora, pede para voltar. Nunca me esqueço do que eu vi uma vez na fila de um Ação Global, no bairro do Rio Comprido [cidade do Rio de Janeiro]. Eu tava trabalhando, com o crachá da Globo, daí veio um cara, que eu até acho que tava bêbado, e gritou para toda a fila que esperava para 'tirar' a pressão: 'Vocês são uns bobos! A Globo não quer nada com vocês!'. Nisso, saiu uma velha da fila e falou muito para ele. Disse para ele não falar mal da Globo por ali, porque havia sido a Globo, através do Ação Global, que tinha possibilitado a ela a tirar sua primeira carteira de identidade, já aos cinquenta e poucos anos. Todo mundo apoiou a velha e aquilo me marcou muito”.

O operador técnico, mais calado, também falou disse algo muito interessante: “O que eu acho mais engraçado é que numa porção de vezes nós [a equipe] estamos saindo do local e o carro da Prefeitura vem chegando logo atrás. É muito engraçado”.

A chegada no local ocorreu já perto das 8h. Logo após a chegada do autor e do resto da equipe, houve o encontro com o repórter, que falava ao rádio com o produtor do quadro lá na redação. O repórter dizia que pensava em voltar para Duque de Caxias para ver como estava a situação do escoamento das águas das chuvas, em especial em dois bairros, o Pilar e o Cidade dos Meninos. Esses bairros haviam sido visitados no dia anterior e, mesmo sem chuvas, ainda continham grandes pontos de alagamento. Depois, segundo o repórter ao rádio, a ideia era voltar para Belford Roxo para saber como estavam as mesmas circunstâncias no município vizinho.

Todos, autor, repórter, cinegrafista e operador de externa, como motorista, saíram para Duque de Caxias dentro da camionete que serviu de apoio à externa. Já o operador técnico ficou com a Redação Móvel ajustando o link para a entrada ao vivo de dentro do CIEP.

A água já tinha baixado. Embora muita lama, não havia mais pontos de alagamento. Durante quase 15min, o carro ficou rodando as pequenas ruas do pobre bairro Cidade dos Meninos, até que eles encontrassem as ruas que foram reportadas na edição do quadro do dia anterior. Houve dificuldade de identificar as ruas, tal era as suas semelhanças. Então, o repórter abandonou a ideia de voltar exatamente ao mesmo lugar e se deteve a procurar pessoas limpando as casas ou as ruas. Quando encontrou caminhões contratados pela Prefeitura fazendo essa limpeza, pediu para o carro parar. Todos desceram do carro e, nesse momento, as primeiras reações mais diretas puderam ser notadas. Apenas ao caminhar na rua, o repórter era sugerido por moradores o que reportar. Os cidadãos nem mesmo cumprimentavam a equipe, apenas passavam e diziam: “Lá perto do campo, a água subiu até a cintura, ainda tem gente com móveis para fora da casa”, “Aqui tá tudo seco, doutor... mas tá uma sujeirada por tudo aí”. Um guarda de trânsito se aproximou em uma moto e ofereceu: “Vocês querem que eu leve vocês até o campo, onde tá mais molhado ainda?”. O repórter agradeceu a gentileza, mas disse que iria ficar mesmo por aquelas ruas. Então, se aproximava das pessoas para fazer as primeiras sonoras. O repórter não se preocupava em fazer qualquer apresentação

da sua figura, muito menos em explicar o que se tratava a matéria. Assim, o repórter foi rechaçado em algumas abordagens. Em outras, foi melhor atendido. Antes de gravar, ele se detinha a perguntar: “Muita sujeira pelo bairro, senhor(a)?”. Com a afirmação dos moradores, ele fazia, então, uma segunda pergunta: “Podemos gravar então para saber como está a situação do bairro?”. Com a afirmação positiva, eles começavam a gravar. Não houve perguntas sobre qual a situação da casa daquele morador especificamente, nem mesmo onde ele morava. O repórter não seguia um roteiro de perguntas, muito menos tinha perguntas anotadas. Três pessoas foram entrevistadas neste primeiro momento. Depois, enquanto o repórter ainda procurava outras pessoas para serem entrevistadas, o cinegrafista se concentrava em fazer imagens da sujeira e da situação do tempo; naquele dia, bem nublado, mas sem chuva.

Algo chamou a atenção do autor. O cinegrafista fazia imagens dos moradores do bairro caminhando pelo local sem perguntar qualquer coisa a eles. Mesmo com pouca gente na rua, a presença de uma equipe da Globo causou mobilização no local. Especialmente os jovens, gritavam alto: “Olha a Globo aí”, “Ô, tio, filma minhas amigas aqui”. Por vezes, o cinegrafista atendia o pedido e fazia as imagens; outras, simplesmente ignorava, assim como o repórter. A atitude de quase desdém pelos gritos mostrava uma preocupação do repórter: não perder tempo sob hipótese nenhuma. Já naquele momento, qualquer decisão a ser tomada, era rapidamente tomada, desde a rua a virar, até quais pessoas entrevistar. Na interpretação do autor, a pressa já começava a influir decisivamente no processo da reportagem.

Ainda caminhando pelas ruas do bairro, a equipe encontrou um grupo de pessoas que organizavam pacotes e sacolas de roupas e comidas atrás de uma grade de ferro. O repórter perguntou: “Vocês estão recolhendo doativos para as vítimas da enchente?” O homem respondeu que sim. O repórter, então, comemorou e logo perguntou se poderia gravar com ele, que concordou. O repórter disse para o cinegrafista que queria ali fazer uma passagem com sonora e ainda alertou para outras mulheres que pararam o trabalho para assisti-lo para que elas seguissem organizando as doações para que isso também entrasse na gravação. O repórter fez perguntas preliminares ao personagem.

- Isso aqui é uma Ong?
- Sim, é uma ONG com várias atividades de dança, recreação para os jovens. É ligado com a igreja. O nome da ONG é Viver Bem.

O repórter então cochichou com o autor: “*a gente não dá nome de instituições*”. Depois, avisou o personagem e perguntou detalhes para ele daquela localização, como nome da rua, do bairro, etc.

- Só a gente não pode falar o nome das instituições, ok?
- Ok.
- Eu vou falar então onde a gente está. Vou dizer que aqui estão sendo feitas doações e depois passo a te perguntar. Ok?

O homem não fazia qualquer objeção. Concordava com tudo o que o repórter sugeria, mas também não se mostrava eufórico com a possibilidade de sua boa ação aparecer para todo o Rio de Janeiro. Foi calmo, paciente. O repórter ainda demorou para conseguir decorar todo o texto da abertura. Repetiu cerca de cinco vezes antes de fazer a primeira tentativa valendo. Enquanto isso, o cinegrafista também ensaiava os seus movimentos de câmera.

Então, começaram a gravar. O repórter titubeou nas duas primeiras vezes ao tentar contar em que rua todos estavam. Na terceira tentativa, conseguiu:

Andando aqui pelo bairro Pilar, o RJ Móvel encontrou esse posto de doação de alimentos, roupas, organizado pela própria comunidade, na sede de uma ONG aqui na rua São José do Rio Preto. Ô, Moisés, como será feita a distribuição disso tudo aqui para as famílias?”. Moisés respondeu: “Aqui nós estamos fazendo uma parceria com a igreja, porque a igreja é que está interagindo com as pessoas e sabe o local onde as pessoas estão mais precisando”. Repórter: “Então tá tudo organizado?”. Moisés: “Tá tudo organizado, nós temos essa ficha de cadastro, o morador vem até aqui, se cadastra, o pessoal da igreja vai até a casa desses moradores, vão ver a necessidade, a quantidade de alimentos, roupas também e será doado dessa maneira”.

A equipe toda agradeceu ao Moisés por participar do quadro e ainda fez a ele profundos elogios pela boa ação que ele estava proporcionando. Nitidamente orgulhoso de si mesmo, Moisés agradeceu em troca. Enquanto o repórter saía, Moisés, fez sua primeira e única sugestão naquele encontro de menos de 10min. Falando em um tom baixo e tímido, Moisés sugeriu ao repórter que voltasse a Belford Roxo, no sábado, quando a ONG dele iria proporcionar uma grande festa

para os moradores do bairro, com práticas de atividade física, dança – *hip hop* e *ballet* –, etc. O repórter mais uma vez agradeceu pela iniciativa, mas disse: “Sabe como é a nossa vida? Hoje nós estamos aqui para ver a situação da chuva mesmo...”. Logo Moisés, ainda mais tímido, tentou encerrar: “Sim, sim, sim... tava dizendo, porque podia interessar...”. Todos deixaram o lugar. Logo, o repórter entrou em contato com a produção para contar das sonoridades que recém tinha colhido. E o produtor perguntou: “Vocês já estão na marcação?” O repórter assustado: “Tem alguma marcação na pauta? Vixi, eu nem vi”. Com a resposta afirmativa do produtor, ele pediu mais detalhes. O horário marcado era 9h. Já eram 9h30min. Tratava-se de uma marcação com uma moradora do Belford Roxo. Ela reclamava que as doações que chegavam ao CIEP Vinícius de Moraes não estavam sendo distribuídas a quem estava se cadastrando regularmente. O repórter pediu desculpas ao produtor pelo seu “vacilo” e tratou de mobilizar a equipe para rapidamente se deslocar até Belford Roxo. Foram mais 30min gastos no trânsito, que serviram para o repórter ter uma ideia. Como iria falar sobre distribuição de doações, lembrou que no dia anterior havia assistido no programa *Mais Você*, também da TV Globo, apresentado por Ana Maria Braga, imagens de uma confusão em uma igreja de Duque de Caxias. Nelas, moradores apareciam praticamente saqueando as doações, já que as filas estavam mal organizadas. Algumas pessoas pegaram dezenas de peças. O repórter então ligou para o produtor e pediu para ele separar as imagens da confusão no arquivo, porque estava pensando usar no vt dele.

Ao chegar em Belford Roxo e encontrar a dona Cristina, começou o momento mais tenso de toda a semana acompanhada pelo autor. Ela já estava esperando há mais de 1h. O repórter chegou e pediu desculpas pelo atraso. Logo perguntou a ela qual era, mais detalhadamente, a reclamação. A pergunta, embora endereçada a apenas uma pessoa, serviu para todas quererem responder. Com um tom muito indignado e reclamando de fome e de falta de abrigo e colchões, as cerca de dez mulheres, no local, diziam que a Prefeitura de Belford Roxo era “safada”, “sem-vergonha”, “corrupta”, entre outros xingamentos, já que elas haviam se cadastrado normalmente, mas, segundo as moradoras, ninguém havia recebido doativo nenhum, mesmo depois de passado quatro dias da pior chuva. O repórter não dava sugestões. Por alguns minutos, deixou-as falarem livremente. Chegou um momento, no entanto, que uma das moradoras se exaltou mais ainda:

Vocês [as outras moradoras] acreditam nessas reportagens, por quê? Eles estão aí fazendo vocês de palhaço, quero ver eles colocarem alguma reclamação que preste! Eles cortam tudo o que é importante, quero ver ir para o ar.... não vai, não! Vocês é que são burras, porque vocês votam... O certo é a inadimplência. Temos que ser inadimplentes.

A senhora se referia a anular o voto. O repórter, então, parou com a conversa e começou a coordenar quem iria falar. Escolheu pela maior dramaticidade possível. Então, aquelas que se diziam mais atingidas pela chuva ou eram apontadas pelas outras foram as escolhidas. O repórter posicionou a primeira entrevistada e fez um pedido muito estranho a todas as outras: que se posicionassem atrás dessa entrevista e fingissem que estavam conversando sobre algum assunto. A tentativa era dar um ar mais casual para a cena, mas, na interpretação do autor, o resultado foi ao contrário: pessoas nitidamente forçando uma conversa que não existia.

Duas entrevistas foram feitas e depois as mulheres fizeram questão de levar a equipe até o outro lado do córrego, onde elas moravam. A intenção era mostrar como as casas ficaram após os alagamentos. Toda a equipe atravessou uma pequena ponte, que estava em péssimas condições. O repórter nem fazia menção a “denunciar” a ponte, já que o foco dele já estava bem concentrado no assunto doações. No trajeto, já perto das 10h45min, a equipe, mais uma vez, foi a atração do local. Em um momento, o autor notou que cerca de trinta pessoas simplesmente acompanhavam a caminhada do repórter e de sua equipe até as casas atingidas pelos alagamentos. Uma das moradoras foi escolhida pelas próprias mulheres para mostrar o que aconteceu na sua casa. Tudo foi muito rápido a partir de então. O repórter já estava com muita pressa para entregar todo o material para a geração. Haveria de ter tempo ainda para a recepção e edição de todo o vt. Mais uma passagem com sonora, então foi gravada, com a moradora que apontou até onde a água tinha subido (cerca de um metro) e ainda acrescentou ao dizer que nunca tinha visto nada como aquilo nos vinte anos que já morava por ali.

As moradoras, entrevistadas ou não, passaram a perguntar repetidas vezes ao repórter detalhes de como seria a edição do material no ar. Elas queriam saber quem de fato apareceria, quanto tempo, como a Prefeitura iria dar a resposta a elas, etc... Apressadamente e já retornando para o CIEP, onde estava o furgão que seria usado na geração, o repórter tentava responder todas as perguntas. Na interpretação do autor, não foi possível criar um vínculo afetivo do repórter com as moradoras. A relação, embora amigável e até bem-humorada em alguns momentos,

era processual. O repórter, de fato, estava interessado na obtenção do material, mas não dava demonstrações de estar estarecido ou revoltado com toda aquela situação. Outro fato chamou a atenção nesse ínterim. Muitos outros moradores também se aproximaram do repórter para pedir que a equipe gravasse em suas casas que foram “até mais atingidas do que essa que vocês entrevistaram a mulher”. A resposta do repórter era sempre a mesma. Ele explicava que ao mostrar o caso da casa da outra senhora, todo o bairro estava sendo representado, já que não havia tempo disponível para se mostrar tudo o que se queria. Os moradores, a maior parte, tímidos por fazer o pedido, logo entendiam e se resignavam.

Ao voltar para o furgão, a correria aumentou mais ainda. Já era perto das 11h. O repórter, através do rádio, então, conversava novamente com o produtor. Ele explicou tudo que estava pensando do vt, mas antes ficou sabendo que a produção havia marcado uma entrevista para o quadro com um representante da Defesa Civil do Estado. Sabendo disso, o repórter repassou a seguinte montagem do quadro: primeiro seria a entrevista ao vivo com a Defesa Civil, que falaria do balanço dos estragos com a chuva, da arrecadação de donativos e ainda de medidas de precaução para evitar a disseminação de doenças secundárias, como a dengue. Depois, entraria as sonoras feitas no início da manhã lá em Duque de Caxias, depois a passagem da ONG, depois o material de arquivo do Mais Você. Em seguida, viria as moradoras reclamando da dificuldade de se obter donativos, depois a situação das casas que foram invadidas pela água. No retorno para a última entrada ao vivo, o repórter pensou em dar um nota-pé com a resposta da Secretaria de Bem-Estar Social de Belford Roxo do porque os donativos não estavam sendo entregues. No entanto, o autor deste trabalho lhe sugeriu de conseguir ainda ali no CIEP, ao vivo, a própria secretária, que o autor já havia cruzado mais cedo pela manhã. O repórter gostou da ideia e pediu ajuda ao próprio autor para produzir a entrevista com ela. O autor então saiu à procura dela. Dez minutos depois, tudo já estava combinado, ela faria mesmo a resposta ao vivo.

Depois de gerar o material de vídeo, o repórter, já com o *off* escrito, gerou também o material de áudio. Faltavam apenas 30min para o jornal entrar no ar. Era hora de já se posicionar no ponto do vivo. As pessoas seguiam cercando a equipe e pedindo ajuda para os diversos problemas enfrentados naqueles últimos dias. O clima era sempre de muita devoção ao repórter e à equipe da Globo. O repórter botou os fones para acompanhar a orientação da coordenação do ao vivo e agora as

peças tinham mais receio de se aproximar dele. Nesse período, o autor voltou até o furgão para descansar um pouco e conversar com o operador técnico sobre a conexão da antena do caminhão com o satélite. No entanto, nesse caminho, uma mulher se aproximou do autor dizendo que estava com falta de oxigênio, muito fraca. Quando o autor começou a orientá-la a entrar no hospital de campanha para ser melhor atendida, ela desfaleceu sobre o autor, que a segurou e a colocou deitada no chão. Então, correu para chamar o atendimento do SAMU, que estava com duas ambulâncias ao lado do hospital de campanha. A reação foi lenta, os profissionais da saúde se mobilizaram aos poucos em direção da vítima do desmaio. Ela foi colocada em uma maca e encaminhada à tenda. Com instinto de repórter, o cinegrafista, que ainda não estava no ar, virou a câmera e seguiu gravando o atendimento, que chamou a atenção de toda a parte frontal do CIEP. A gravação foi feita, mesmo sabendo que aquilo não seria aproveitado.

A tensão aumenta com a proximidade do vivo. Os últimos detalhes são acertados. O repórter fica sabendo que conseguiram montar o vt da maneira que ele queria. Então, às 11h48min (o jornal começou mais cedo naquele dia por conta da transmissão do amistoso de futebol entre as seleções de Brasil e Omã) ele entra no ar.

#### 4.7 TEXTO VEICULADO

*TAKE:* repórter, ao vivo, em pé, com o hospital de campanha do CIEP Vinícius de Moraes, em Belford Roxo, ao fundo.

TEXTO do repórter: 11 e 48, o RJ Móvel no ar, hoje em Belford Roxo, um dos municípios mais atingidos pelas fortes chuvas. Estamos exatamente no CIEP Vinícius de Moraes, onde foi montado um hospital de campanha. E aqui está com a gente o coronel cel. Luís Guilherme, superintendente operacional da Defesa Civil do Estado. Coronel, muito boa tarde, qual é o balanço da Baixada Fluminense nesse momento.

*TAKE:* repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do coronel: Muito bom dia a todos... a Baixada foi a aérea mais atingida com as chuvas de quinta-feira. Aos poucos estamos voltando à normalidade. Nós ainda temos alguns pontos de alagamentos isolados. Belford Roxo é ainda mais atingido por esse motivo, possuímos ainda cerca de três mil desalojados nesse município. A Defesa Civil dos três municípios da Baixada tem atuado de forma exemplar junto com a Defesa Civil do Estado.

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do repórter: E desabrigados?

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do coronel: Hoje não existem desabrigados, mas desalojados no nosso abrigo, com oito famílias, e em casas de parentes e amigos.

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do repórter: Qual a situação no Estado?

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do coronel: O Estado aos poucos está voltando à normalidade. Tivemos problemas em Quatis, Natividade, Teresópolis. Temos ainda uma preocupação com Tanguá, onde ainda existem cerca de trezentos desalojados.

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do repórter: Agora, Coronel, a Defesa Civil está com um trabalho de conscientização com a dengue, que tá começando hoje?

*TAKE*: repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo. Agora o coronel mostra um folheto que está sendo distribuído pelos bombeiros.

TEXTO do coronel: Não. Esse trabalho começou ontem, porque o governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil, não tem somente a preocupação com o socorro. Uma grande preocupação que nós temos é o pós-desastre. E uma das doenças provocadas pelo pós-desastre é a dengue, então estamos com um verdadeiro batalhão de bombeiros na área da Baixada Fluminense, cerca de trezentos e cinquenta homens por dia, fazendo um total de um mil e

quinhentos ao longo da semana, com um trabalho de divulgação. Estamos entregando alguns folhetos ilustrativos e informativos sobre prevenção da dengue, bem como alguns cuidados que se deve ter em relação às chuvas”.

*TAKE:* repórter e coronel enquadrados ainda com o hospital de campanha ao fundo.

*TEXTO* do repórter: Ok, coronel, muito obrigado pela participação aqui no RJ Móvel. Mais cedo, a nossa equipe percorreu alguns bairros aqui de Belford Roxo e Duque de Caxias e encontramos os moradores trabalhando.

*TAKE:* entra o vt com a produção do dia.

*OFF* do repórter: Pela manhã, já não havia mais pontos de alagamento no bairro Cidade dos Meninos em Duque de Caxias. Caminhões ainda ajudavam na limpeza das ruas e moradores esperam por melhorias.

*TAKE:* repórter e uma moradora com uma das ruas do bairro ao fundo.

*TEXTO* da moradora: Na rua dos fundos, a água foi a quase meio metro.

*TAKE:* repórter em uma ONG que colhe donativos para doações.

*TEXTO* do repórter, logo em seguida do personagem: Andando aqui pelo bairro Pilar, o RJ Móvel encontrou esse posto de doação de alimentos, roupas, organizado pela própria comunidade, na sede de uma ONG aqui na rua São José do Rio Preto.

- Ô, Moisés, como será feita a distribuição disso tudo aqui para as famílias?
- Aqui nós estamos fazendo uma parceria com a igreja, porque a igreja é que está interagindo com as pessoas e sabe o local onde as pessoas estão mais precisando.
- Então tá tudo organizado?
- Tá tudo organizado, nós temos essa ficha de cadastro, o morador vem até aqui, se cadastra, o pessoal da igreja vai até a casa desses moradores, vão ver a necessidade, a quantidade de alimentos, roupas também e será doado dessa maneira.

*TAKE:* arquivo da confusão em uma igreja de Duque de Caxias.

*TEXTO* em *off* do repórter: No fim de semana, uma equipe do Programa Mais Você registrou um tumulto na entrega de roupas em uma igreja que funcionava como abrigo em Caxias. Alguns moradores levaram dezenas de peças sem respeitar a ordem de chegada.

*TAKE:* moradoras do Jardim do Ipê, em Belford Roxo, que reclamam da falta de distribuições das doações.

TEXTO do repórter, seguido de sonoras com as moradoras: Esse grupo moradores, também do bairro Jardim do Ipê, além dos problemas com a enchente, estavam me dizendo também está enfrentando dificuldades para conseguir as doações.

- Me conta: o que aconteceu com a senhora? A senhora perdeu todos os seus bens, está tentando alguma doação e não está conseguindo, é?
- Não estou conseguindo, estou com meu braço quebrado, então eu fiz a inscrição, foi um custo”, reclama uma vítima das enchentes.
- Eles mandam a gente vir, depois dizem que é para esperar em casa. Todos nós aqui, desde quinta-feira, não ganhamos nada. Tá pensando que a água da gente veio até aqui ( mostra a cintura) foi porque a gente quis, é?

*TAKE:* repórter e secretária de Belford Roxo, com o hospital de campanha ao fundo.

TEXTO do repórter, seguido de sonoras com a secretária de Bem-Estar Social de Belford Roxo: Pois é, para falar da reclamação dos moradores quanto à distribuição dos mantimentos, de tudo que chega aqui no CIEP nós convidamos a, secretária municipal de Bem Estar de Belford Roxo, Eliane Rolim.

- Secretária, muito boa tarde. Os moradores estão reclamando que a doação não está chegando para eles. O que está acontecendo?
- Bom, a doação está chegando. A todo momento estão saindo daqui várias kombis e carros cheios de cesta básica, kit de higiene e limpeza. Tudo o que a gente está recebendo está sendo entregue, sendo que a gente tem o problema de muita lama, muita chuva e está sendo difícil para os nossos carros acessarem, mas está sendo intensa a distribuição. A população pode ter certeza de que tudo o que está sendo recebido está sendo entregue. Começou imediatamente após o primeiro dia em que o temporal aconteceu.
- E quando que começou?
- Começou chegar imediatamente após, imediatamente após o temporal que aconteceu... começou a chegar gente para se alojar aqui no CIEP, começou a cuidar do pessoal que ficou aqui. Ficaram 154 pessoas no primeiro dia. E assim que as doações começaram a chegar, com a estrutura que o município já tinha, a gente já começou a entregar, que a gente sabe que a necessidade é grande.
- Secretária, então qual é o procedimento correto? Todos os moradores de Belford Roxo, que são vítimas das enchentes, eles podem vir aqui e se cadastrar para receber a doação? Qual é o procedimento correto??
- Nós já temos mais de duas mil pessoas cadastradas. A todo momento chegam mais pessoas, há ruas em que está difícil o acesso, as pessoas não estão podendo vir. As equipes de assistentes sociais estão indo até lá. Nós temos uma tenda montada na rua Empala, que foi uma rua que foi muito atingida, com pessoal da Saúde, Assistência Social, Vigilância Sanitária, todo tipo de assistência que a gente pode dar está sendo dada.
- E o telefone? Bem rapidinho para que a população possa entrar em contato...

- 2761-7212.
- Repetindo...
- Ok, secretária, muito obrigado pela participação..

*TAKE*: o quadro volta para a secretária que interrompeu o encerramento do repórter.

TEXTO da secretária: Eu posso aproveitar para pedir à população que doe, que a gente tá precisando de muita coisa.

TEXTO do repórter: "Muito obrigado, secretária. Agora sim a gente volta para o estúdio, Márcio..."

## 5 CONCLUSÃO – A rua é o espaço certo

Entre os alunos de graduação, pelo menos na comunicação, não é raro ouvir que o trabalho de conclusão de curso costuma ser mais útil para um desenvolvimento pessoal do autor do que para os futuros leitores do estudo. O autor deste trabalho não concorda com essa opinião. Jornalista, por crença intensa de tentar bem comunicar, acredita que a aquisição pessoal de conhecimento, notícias e informações são muito mais valiosas quanto maior número de pessoas se aproveitarem disso. E estudos acadêmicos não costumam prezar por interesse de conquistar o público. Mais importante do que qualquer estudo tenha uma pequena comunidade de leitores (e é para ela que se costuma escrever) é que ele tenha uma grande comunidade em vista – como a da Gramma, da Cidade dos Meninos, do Jardim do Ipê, de Pilar, de Campo Grande – algumas das visitadas durante esse trabalho. E é justamente nesse ponto que reside uma das principais conclusões deste trabalho.

O lugar certo para estarmos, nós jornalistas, é a rua. É nesse confuso *habitat* que vivem as pessoas. Animais que tem o estranho hábito de destruir rapidamente o lugar onde moram. O jornalismo fala, sobretudo, de pessoas. E é muito difícil contar delas, mesmo das pessoas jornalistas, quando se está distante a elas.

Quando o jornalismo diário se propõe a cobrir uma história, não costuma sair da redação e mentalizar pessoas, mas sim a costura que fará dessa história envolvendo pessoas. Muitas vezes, pouco importando-se com o que de fato encontrará nesta rua. É um processo natural. Afinal, o seu trabalho não é passar a conhecer a vida dessas pessoas, e sim contar o que acontece ou, na maioria das vezes, apenas o que recém aconteceu na vida delas. Assim, em alguns lugares, o jornalista em trabalho, e não fora dele, mais parece um turista exótico do que um cidadão comum, na maioria das vezes, daquele próprio lugar. Dessa maneira, mesmo quando há a aproximação inevitável entre público e jornalista na cobertura de um fato na rua, ela se dá de uma maneira fria, desinteressada por parte do profissional da notícia. E essa falta de apreço, talvez de curiosidade real, passa para o público através do áudio e vídeo da televisão.

É de fato neste vão, onde de um lado está o jornalista – fardado, equipado, de microfone na mão e uma assustadora câmera de vídeo à tiracolo – e de outro o seu público – com total cara de povo, língua de povo, jeito de povo, cheiro de povo, salário de povo – que a crise da popularidade daquele se manifesta neste. Logo que se força uma mais intensa relação entre ambos, no entanto, isso pode de fato melhorar. A iniciativa do RJ Móvel lança sim, como se pensava antes deste estudo começar, uma perspectiva neste sentido. A visita de uma equipe de jornalismo interessada em difundir – e esse é poder que a imprensa tem – problemas pontuais de comunidades pobres aproxima a empresa jornalística do público que tanto desconfia dela. O fato do quadro ser da TV Globo, pelo seu caráter protagonista na comunicação de notícias e entretenimento no país, tem um peso ainda maior. Já que a melhora de avaliação dessa empresa, com certeza, significa uma melhor avaliação também de todo o jornalismo nacional.

Durante a pesquisa de campo, era fácil notar quem eram os moradores que saíam do encontro mais contentes e aqueles que saíam mais frustrados com o jornalismo. Quem saía mais contente e esperançoso eram quem acreditavam na vigilância que a profissão deve exercer sobre as históricas ausências ou do Poder Público, ou do coletivo poder de se organizar para viver bem. O jornalismo faz mais sentido para essas pessoas quanto mais o jornalismo parece querer ajudar. Não necessariamente com a ajuda direta de doação ou obras, afinal, como já foi dito nesse trabalho, a maioria sabe que jornalista não tem retroescavadeira. A ajuda, mais uma vez, advém do poder do microfone. A saber: instrumento que transforma as vibrações sonoras em oscilações elétricas, utilizado como amplificador da voz ou de sons e ruídos.

O público pobre, em geral, tem dificuldade de considerar notícias mais sofisticadas, por assim dizer, como relevantes para si. O RJ Móvel, então, tenta deixar mais claro que, na consideração da TV Globo, as notícias mais populares também tem um significativo apreço.

Se a teoria que justifica a iniciativa ajuda na aproximação do jornalismo com o seu público, o processo consagrado como viável para a difusão diária dessas informações atrapalha sobremaneira o resultado final. O RJ Móvel é um quadro que se propõe a uma comunicação de conteúdo e estética diferentes, que o ajudam na diferenciação para o resto da grade normal de cobertura. Entretanto, o seu processo de aproximação, coleta de material e sua edição é exatamente igual aos demais

processos utilizados na cobertura normal do jornalismo de televisão diário. Ou seja, o interesse permanente pela objetivação e simplificação das histórias – no caso, dos problemas – ao ponto de, em pouco mais de três horas, conseguirem ser descobertas, colhidas, editadas e difundidas em um quadro de pouco mais de 5min superficializa o contato entre o público e o jornalismo.

A tensão criada em uma sempre tensa fronteira entre o interesse de permanecer para descobrir mais a fundo cada história e o interesse de apenas cumprir uma missão de construir uma narrativa no formato estabelecido, pode levar o público local a sair do encontro com ainda piores avaliações. Para o público, a percepção de que o jornalista só está concentrado nesse segundo interesse significa, na verdade, um anti-interesse. Até porque ele, o público, não tem qualquer domínio da montagem dessa narrativa que será exposta para milhões de pessoas. Na verdade, a análise mostra que personagem central daquele enredo, o público – aparecendo ou apenas sendo representado naquele filme jornalístico – não é devidamente consultado para saber a qual papel está disposto a ficar relacionado naquela história que está sendo criada.

A história real não pode, através da montagem jornalística, ser transformada numa história que, de tão forçadas e protocolares são as amarras e os contrapontos, que ela chega a parecer aos olhos do público irreal, inventada ou manipulada ao gosto de um pequeno interesse. Quando isso ocorre na cabeça do telespectador, conscientemente ou não, se perde uma confiança que deveria se estabelecer. No entanto, ao contrário do que esse mesmo público costuma pensar, pelo menos no RJ Móvel os desvios, que a história por vezes toma, não ocorrem por desonestidade ou outros interesses escusos. Eles ocorrem, sim, pela consagração de um processo escravizado na missão básica de conseguir a história procurada nos moldes já consagrados, custe o que custar.

Ainda vale uma última conclusão, a da efetividade da denúncia. Vale a pena o esforço. O Poder Público, notoriamente, se esforça para resolver os problemas denunciados na rede regional. Afinal, a crítica bem construída pode expor graves ausências do gestor, o que sem dúvida é maléfico para sua imagem e reputação. Assim, das quatro principais denúncias feitas ao longo dos cinco dias pesquisados, três, pelo menos parcialmente, foram solucionadas menos de uma semana depois. No entanto, o conserto sempre parece circunstancial e não estrutural, até porque esse problema é de origem histórica, política, educacional e econômica do Brasil. E

o Poder Público, nesses casos, poucas vezes dão uma resposta satisfatória neste país.

Um email de um produtor do RJ Móvel enviado ao autor deste trabalho no mês de agosto de 2009 também indica essa falha de gestão:

O que o RJ Móvel consegue? Mostrar os problemas, ouvir os moradores (e isso é mto valorizado por eles!), fazer com que o Poder Público reconheça que existe um problema, fazer com o que o Poder Público, na maioria das vezes, estipule um prazo. Mas nem sempre, os problemas são de fatos solucionados. Normalmente, aos problemas mais complexos, é dado um prazo muito longo. Ou então, ao expirar o prazo, o RJ Móvel vai cobrar a não-solução e então as autoridades estipulam uma nova data. Fica uma espécie de corrida de gato e rato. Um simulacro de cobrança e “solução”.<sup>3</sup>

A principal conclusão final do trabalho a se comemorar é um poder de mobilização dupla que o quadro proporciona. Por um lado, o RJ Móvel força o Poder Público a dar pelo menos alguma resposta à população – algo que, por vias não midiáticas, é muito raro. Mas mais do que isso, o RJ Móvel, apenas com sua existência e não com o seu desenvolvimento *in loco*, consegue dar a sua contribuição para o ainda incipiente desenvolvimento comunitário das principais comunidades pobres deste país. Talvez o que tenha deixado o autor deste trabalho mais contente, e, por isso, foi guardado para o final, foi uma frase dita pelo personagem Gerciano de Lima e Cruz, que chamou o quadro para expor os problemas encontrados no bairro da Grama, em Nova Iguaçu. Quando a equipe deixava o local, Gerciano não estava necessariamente contente apenas por sua comunidade ter aparecido na televisão, era outro ponto que lhe felicitava: “Obrigado, galera [equipe do RJ Móvel]. Pela primeira vez eu vi aquela praça tão cheia de gente indignada com a situação do bairro. Tomara que o espírito siga assim, valeu mesmo”.

---

<sup>3</sup> MONOGRAFIA RJ Móvel. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <caetano.manenti@tvglobocom.br> em 19 ago. 2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLOBO.COM. **RJ TV**. Disponível em: <<http://www.globo.com/rjtv>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **A Reportagem** (teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística). Rio de Janeiro: Record, 2001.

MONOGRAFIA RJ Móvel. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <caetano.manenti@tvglobocom.br> em 19 ago. 2009.

PERUZZO, Cícília Maria Krohling. Observação Participante e Pesquisa-Ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem**. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular. 2005. v. 1 e 2.